

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

**Saberes da tradição na comunidade Barra do Ipueira -  
Assentamento Agroextrativista São Francisco**

Autora: Sandra Maria de Brito Pereira

Orientador: Rubens Jesus Sampaio

Itapetinga - Bahia  
Abril - 2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

**Saberes da tradição na comunidade Barra do Ipueira  
- Assentamento Agroextrativista São Francisco**

Autora: Sandra Maria de Brito Pereira

Orientador: Rubens Jesus Sampaio

**"Dissertação apresentada, como parte das exigências para obtenção do título de MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Ambientais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Área de concentração: Meio Ambiente e Desenvolvimento"**

Itapetinga - Bahia  
Abril - 2020

577.27 Pereira, Sandra Maria de Brito

P495s Saberes da tradição na comunidade Barra do Ipueira - Assentamento Agroextrativista São Francisco. / Sandra Maria de Brito Pereira. – Itapetinga, BA: UESB, 2020.

56fl.

Dissertação apresentada como parte das exigências para obtenção do título de MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Ambientais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Área de concentração: Meio Ambiente e Desenvolvimento. Sob a orientação do Prof. D. Sc. Rubens Jesus Sampaio.

1. Sustentabilidade ambiental - Saberes locais. 2. Saberes Tradicionais. 3. Meio ambiente - Ribeirinhos. I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Ambientais, *Campus* de Itapetinga. II. Sampaio, Rubens Jesus. III. Título.

**CDD(21): 577.27**

Catálogo na Fonte:

Adalice Gustavo da Silva – CRB 535-5ª Região  
Bibliotecária – UESB – Campus de Itapetinga-BA

Índice Sistemático para desdobramentos por Assunto:

1. Ecologia dos saberes
2. Educação ambiental - Comunidade Barra do Ipueira (BA)
3. Ribeirinhos - Saberes Tradicionais



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Programa Pós-Graduação em Ciências Ambientais - UESB/RTR/PPG/PPGCA

SANDRA MARIA DE BRITO PEREIRA

**“SABERES DA TRADIÇÃO NA COMUNIDADE DE BARRA DA IPUEIRA - ASSENTAMENTO AGROEXTRATIVISTA SÃO FRANCISCO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* de Itapetinga, BA. Área de Concentração: Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Aprovada em: 29/04/2020

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Rubens Jesus Sampaio (Orientador/UESB)**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Luiz Artur dos Santos Cestari (UESB)**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo (UESB)**



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Jesus Sampaio, Assessor**, em 08/09/2020, às 08:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renato Pereira de Figueiredo, Professor Titular**, em 09/09/2020, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Artur dos Santos Cestari, Professor Titular**, em 22/09/2020, às 10:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Denise Carvalho dos Santos, Secretário(a)**, em 25/09/2020, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **00021733432** e o código CRC **BA6D0672**.

## AGRADECIMENTOS

Este foi um trabalho de edificação de vida e como todo trabalho de desenvolvimento e superação exigiu energia, planejamento, paciência, motivação e ação. Este em especial veio transbordado de desafios, de batalhas travadas com monstros internos e externos que por não raras vezes me fizeram acreditar que eu não conseguiria cruzar à linha de chegada.

Sou grata ao Universo por ter me proporcionado viver esta experiência única e enriquecedora, através da qual me foi proporcionado a oportunidade de crescimento nas áreas emocional, pessoal e profissional. Sou grata por conspirar a meu favor e colocar afetos que tocaram a minha vida nessa trajetória:

Sou grata ao meu orientador, Professor Dr. Rubens Sampaio primeiramente pela oportunidade que me foi concedida de ser sua orientanda e ingressar no Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais. Gratidão por me aproximar de temas que eu se quer sabia da existência, pelo tempo de dedicação, atenção e paciência. Gratidão por ter me tirado da zona de conforto e acreditado em meu trabalho.

Sou grata ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais por fazer parte da sua história de construção do conhecimento. Gratidão a todos os docentes, à coordenação e ao corpo técnico, em especial ao pessoal da secretaria, que sempre estiveram dispostos a escutar e auxiliar da melhor forma possível.

Sou grata e honrada à minha mãe Dalva e meu pai, Francisco (*in memóriam*) por terem me dado a vida, pelo cuidado, proteção e dedicação. E quando falo deles é impossível não me emocionar! Vem em minha memória as cenas da infância na casinha da roça, minha mãe mais quieta, porém sempre cuidadosa, na atenção em saber se eu já havia feito a tarefa de casa, em deixar almoço pronto na hora certa pra eu ir pra escola, em estar com a roupa limpa... A meu pai não foi permitido chegar ao final comigo, mas será sempre lembrado como o meu grande incentivador dos estudos: apesar de ter pouquíssimo conhecimento acadêmico, recordo dele me ensinando as quatro operações sob a luz do candeeiro, depois de um dia cansativo de trabalho na roça. Era ele que deixava a enxada e de vender o seu dia de trabalho para ir às reuniões da escola. Aos meus pais gratidão por todos os atos dispensados em forma de amor, que fez com que eu me tornasse a mulher que sou hoje.

A pós-graduação veio como um desafio no pior momento da minha vida, por isso sou infinitamente grata às minhas irmãs Ângela e Suzete, que assumiram grande parte

da responsabilidade nos cuidados com o nosso pai, doaram o seu tempo e atenção com amor. O tempo por elas ofertado contribuiu significativamente para minha formação, me proporcionou a oportunidade de estar em sala de aula, para que esse momento pudesse se concretizar.

Gratidão ao meu sobrinho Arthur e a minha sobrinha Laura pelos sorrisos puros que foram/são como um calmante e refrigerio. Gratidão por me fazerem ver a vida de forma mais leve e despertar a criança em mim.

Sou grata aos meus colegas e amigos de trabalho, de forma especial a Grace Itana e Geângelo Rosa pelo incentivo, cada um com sua importância extremamente significativa dentro desse processo.

Sou grata às colegas de casa e amigas Ariele, Valdinéia e Diele pela escuta, incentivo e pela motivação dedicada mesmo após os dias exaustivos de trabalho. Ariele Chagas, também colega de profissão, sempre motivacional e ativacional, colocou a sua sala aula à disposição, onde pude realizar o estágio à docência e aprender com uma professora tão dinâmica, criativa e competente no trabalho que se propõe a desenvolver. As aulas de Administração no quinto semestre de Engenharia Agrônômica foram sem sombra de dúvidas um excelente laboratório para construção do meu aprendizado.

Sou grata aos colegas de sala, em especial aos companheiros de estrada Thomas, Thiago, Maurício e Katharine. A Katharine também pelas energias positivas que me impulsionaram e incentivaram a desenvolver essa pesquisa, pela disponibilidade em ajudar, minha gratidão!

Sou grata às famílias ribeirinhas da Comunidade de Barra de Ipuera que me acolheram de forma tão especial. Singularmente a minha gratidão pela confiança e colaboração ao Seu Silvino, Dona Francisca, Felipe e Seu Claudionor. Sou grata também a presidente da Associação, Dona Vanda, pela disponibilidade e empenho em ajudar e ao seu esposo, Joaquim que foi meu guia pela comunidade até em dias de chuva.

Gratidão aos professores Dr. Renato Figueiredo e Dr. Luiz Artur Cestari pelas valiosas contribuições e por aceitarem fazerem parte da banca avaliadora.

E por último, mas não menos importante sou grata a meu noivo Robson Dilinger, que se fez presente nas leituras e interpretações. Gratidão pela presença e pelas ausências. Aprendi que no trabalho científico tem dessas coisas e momento de solidão também é necessário. Minha gratidão pelo apoio, paciência, compreensão e auxílio tão importante.

E nesse caminho que não foi nada linear, pelo contrário, foi sinuoso, de dor e sacrifícios, nada aqui teve a ver com disputa ou concorrência, apenas a constatação de que com fé e determinação é possível! A todos, minha gratidão!

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Vista da comunidade para o Rio São Francisco.....	6
<b>Figura 2:</b> Margem do Rio São Francisco, Barra da Ipueira.....	16
<b>Figura 3:</b> Senhor Silvino.....	17
<b>Figura 4:</b> Dona Francisca.....	22
<b>Figura 5:</b> Poste de ferro citado por Dona Francisca .....	23
<b>Figura 6:</b> Senhor Nôzin .....	24
<b>Figura 7:</b> Horta de dona Francisca.....	25
<b>Figura 8:</b> Horta de dona Francisca visão 2 .....	26



## LISTA DE SIGLAS

CNPCT	Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MMA	Ministério do Meio Ambiente
ONU	Organização das Nações Unidas
ONU	Organização das Nações Unidas
PAE	Projeto de Assentamento Agroextrativista
PAES	Projeto de Assentamento Agroextrativista São Francisco
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
UIPN	União Internacional para a Proteção da Natureza
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
WWF	<i>World Wildlife Fund</i> (Fundo Mundial para a Vida Selvagem e Natureza)

## SUMÁRIO

	Página
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Percurso metodológico .....	8
2 COMUNIDADES TRADICIONAIS E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL ....	13
3 SABERES QUE EMERGEM DA NATUREZA .....	16
3.1 Comunidade de Barra do Ipueira.....	17
3.2 Saberes oriundos dos intelectuais da tradição de Barra da Ipueira.....	18
4 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	32
REFERÊNCIAS .....	34
APÊNDICES .....	37
APÊNDICE A - Roteiros de entrevista com os moradores de Barra da Ipueira .....	37
APÊNDICE B - Transcrição da entrevista com o senhor Silvino .....	38
APÊNDICE C - Transcrição da entrevista com Dona Francisca .....	43
APÊNDICE D - Transcrição da entrevista com o senhor Claudionor .....	50

## RESUMO

O presente trabalho visa compreender uma ecologia de saberes, com base na sistematização e registro das informações sobre a produção e uso do conhecimento tradicional relacionado aos elementos da natureza, pelos ribeirinhos da comunidade de Barra da Ipueira - Projeto de Assentamento Agroextrativista São Francisco, situado no município de Serra do Ramalho, oeste do estado da Bahia. Trata-se de uma abordagem qualitativa, baseada principalmente nas discussões do sociólogo português Boaventura de Souza Santos e da professora Maria da Conceição de Almeida, dentre outros. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados a entrevista semiestruturada e observação participante, com vistas ao resgate dos saberes ambientais tradicionais. Além destes, foi utilizada a técnica “Bola de Neve” para localização dos intelectuais da tradição. Desse modo, para construção do presente trabalho foi realizada a identificação dos intelectuais da tradição da comunidade de Barra da Ipueira, a sistematização dos principais saberes ambientais tradicionais bem como, a forma que se dá a hibridização dos saberes tradicionais e científicos presentes. Os dados apresentados demonstraram que a comunidade de Barra da Ipueira detém um considerável conhecimento, mais significativamente acerca do rio, das chuvas e da mata.

**Palavras-chave:** Saberes Tradicionais. Sustentabilidade. Meio ambiente. Ribeirinhos.

## ABSTRACT

The present work aims to understand an ecology of knowledges, based on the systematization and recording of information on the production and use of traditional knowledge related to the elements of nature, by the riverside inhabitants of the Barra da Ipueira community - São Francisco Agroextractive Settlement Project, located in the Serra do Ramalho, west of the state of Bahia. It is a qualitative approach, based mainly on the discussions of Portuguese sociologist Boaventura de Souza Santos and professor Maria da Conceição de Almeida, among others. As instruments of data collection, semi-structured interviews and participant observation were used, with a view to recovering traditional environmental knowledge. In addition to these, the “Snowball” technique was used to locate the intellectuals of the tradition. In this way, for the construction of the present work, the identification of intellectuals of the tradition of the Barra da Ipueira community was carried out, the systematization of the main traditional environmental knowledge as well as the hybridization of the traditional and scientific knowledge present. The data presented showed that the Barra da Ipueira community has considerable knowledge, most significantly about the river, the rains and the forest.

**Keywords:** Traditional Knowledge. Sustainability. Environment. Riverside.

## 1 INTRODUÇÃO

A história da minha experiência com o meio rural e o meu contato com o conhecimento popular coincide com a história da minha vida: eu nasci em uma comunidade rural do município de Guanambi, interior da Bahia. Nasci em casa e como era culturalmente comum há cerca de trinta anos nas comunidades rurais do interior, o procedimento de parto não foi realizado por médicos e sim por uma parteira.

Logo no primeiro ano de vida tive o segundo maior momento de experiência com conhecimentos populares, após sofrer durante uma semana com uma doença desconhecida, conforme conta minha mãe, a alternativa encontrada por meus pais foi buscar ajuda com uma famosa curandeira da região. Ninha Curandeira, como era conhecida por todos da localidade, fez o benzimento em uma peça de roupa sem estampas e indicou o uso da peça por três dias seguidos, aliado à ingestão de um chá de raízes recomendado por ela. Ainda nos relatos da minha mãe, após tomar o chá de raízes eu tive uma piora significativa e logo após fui voltando e recuperando aos poucos conforme a curandeira afirmou acontecer.

Os fatos anteriormente relatados estavam adormecidos em minha memória, eu talvez eu nunca tive a necessidade de lembrá-los. Morei na roça até os dezessete anos e sempre ajudava meus pais na lavoura de feijão e mandioca, desde o plantio, à colheita e processamento. Após esse período eu me tornei independente, fui morar só na cidade, fazer graduação em Administração, trabalhar e estudar para concurso público. Estive um tempo afastada fisicamente do meio rural, mas as raízes estavam lá, fixadas em meu coração.

Bem mais tarde, em 2011, já aprovada no concurso público, fui trabalhar em uma escola situada na zona rural e com um perfil tipicamente agrário. Depois em 2016, após atuar como gestora de contratos, como pregoeira e equipe de apoio aos processos licitatórios no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Bom Jesus da Lapa, me chamou atenção um grupo de mulheres agricultoras que se organizavam em forma de associações comunitárias para a venda de hortaliças por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar PNAE e do Programa de aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar PAA. Elas eram mulheres que viviam na Comunidade de Barra do Ipueira, pertencente ao Projeto de Assentamento Agroextrativista São Francisco PAE. A partir dessas experiências, fui movida pelo desejo inicial de investigar a atuação feminina naquela comunidade, como geradora de renda e agente de sustentabilidade local.

Mas foi no decorrer do curso de mestrado que me despertei para o estudo de novas epistemologias e em uma conversa de orientação com o professor Dr. Rubens, foi sugerida a realização da pesquisa acerca dos saberes tradicionais da comunidade, sugestão esta que após a primeira leitura da bibliografia indicada, foi imediatamente acatada, pois a mesma despertou minha curiosidade intelectual.

Sabe-se que a evolução do conhecimento científico e a sua conseqüente consolidação ao longo do tempo, por não raras vezes, levou a deslegitimar saberes populares importantes. Com a não validação das práticas antigas de manejo do solo e da água por exemplo, a manutenção das atividades produtivas foram desecologizadas<sup>1</sup>, desculturalizadas<sup>2</sup> com o passar dos anos e foram substituídas pelo conhecimento científico moderno, com o intuito de atender aos meios de produção e consumo predominantes na atual conjuntura social.

Conforme afirma Maria da Conceição de Almeida, em sua obra *Complexidade, Saberes Científicos, Saberes da tradição*, o conhecimento científico é a parte visível de um iceberg, se considerar o conjunto de saberes construídos pela cultura humana. A ciência é uma forma de ver o mundo, mas não é a única e apesar disso, cabe a nós reconhecermos que a transformação ocorrida no campo da ciência e tecnologia que tem impactado diretamente o modo de vida das pessoas e contribuído para a transformação da sociedade.

Como o modelo tecnológico e científico que se firmaram, muitos dos saberes tradicionais, são ignorados e invalidados, levando-os a perderem espaço para o conhecimento científico e até correrem sérios riscos de alguns deles desaparecerem. Ocorre que com a valorização da especialização tecnológica, há uma exigência cada vez mais significativa também do meio ambiente e conseqüentemente maior consumo dos recursos naturais. Em relação à forma de produção do mundo globalizado, Leff também questiona os paradigmas estabelecidos acerca dos saberes adotados:

O processo de modernização desloca as economias tradicionais de subsistência, impondo processos de despossessão de terras e saberes, gerando desigualdades sociais pelas condições não equitativas de distribuição e acesso aos recursos naturais (LEFF, 2002, p. 138).

Diante da problemática apresentada, buscamos respostas aos desafios direcionados pelos saberes, práticas e usos específicos do conhecimento tradicional exercido dentro das

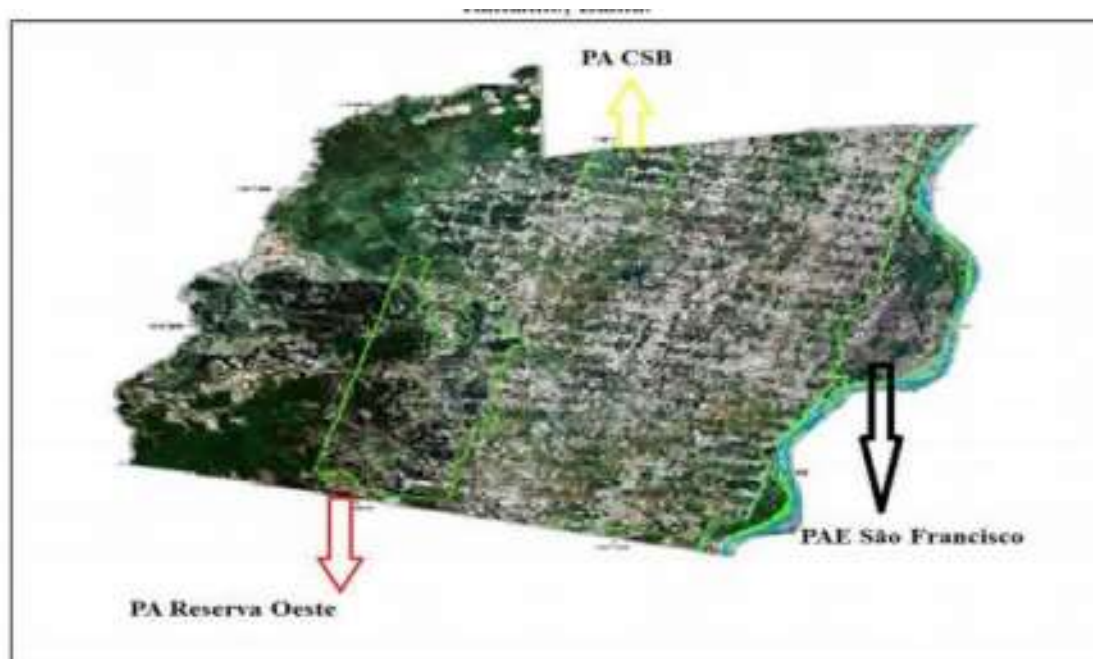
---

<sup>1</sup> Desecologizadas – termo utilizado por Leff (2002) para expressar as transformações geradas através da capitalização e tecnificação da agricultura em detrimento aos saberes tradicionais.

<sup>2</sup> Desculturalizadas - termo utilizado por Leff (2002) para expressar as transformações geradas através da capitalização e tecnificação da agricultura em detrimento aos saberes tradicionais.



**Mapa 2:** Representação espacial dos Projetos de Reforma Agrária de Serra do Ramalho, Bahia



Fonte: Base Gráfica: <http://sit.mda.gov.br/mapa.php>

A presente dissertação orientou-se pelo objetivo geral de estabelecer a ecologia de saberes que resistiram ao tempo a partir do resgate dos conhecimentos ambientais tradicionais de moradores da comunidade de Barra da Ipueira. Para atingir o objetivo geral da pesquisa, foram desdobrados os seguintes objetivos específicos: Identificar os intelectuais da tradição no Povoado de Barra da Ipueira; sintetizar os principais saberes ambientais tradicionais presentes na comunidade e verificar o intercâmbio entre os saberes da tradição e o conhecimento científico por meio de um diálogo horizontal, nas experiências dos intelectuais da tradição.

A pesquisa buscou a aproximação dos conhecimentos relativos ao dia a dia dos ribeirinhos com vistas ao resgate do saber tradicional e a discussão dos mesmos na Universidade, de forma a promover a que os tais conhecimentos são provenientes da observação, da repetição, e que muito ensina ao conhecimento científico, conforme explica Almeida:

O intelectual é aquele que manipula, constantemente a mesma interpretação, inserindo-a num campo maior, observando suas transformações, dialogando com ela, pensando sobre ela em outros contextos próximos e distantes. O intelectual é um artista do pensamento, porque dá



forma a um conjunto de dados, aparentemente sem sentido e desconexo. Onde quer que se opere essa complexa arte do pensamento, aí está em ação um intelectual. Por isso podemos falar em intelectuais da tradição. Eles são os artistas do pensamento que, distantes dos bancos escolares das universidades, desenvolvem a arte de ouvir e ler a natureza à sua volta (ALMEIDA, 2017, p. 2).

A presente pesquisa é justificada por uma necessidade urgente de resgatar os conhecimentos tradicionais produzidos pela população tradicional de ribeirinhos, visto que há uma tendência a não valorização por parte das novas gerações, bem como por parte das associações governamentais. A fim de não deixar cair no esquecimento as formas de saberes próprias desses povos, bem como promover a valorização dos mesmos, buscamos também a demonstração de que há outras formas de produzir conhecimento, que não pelo ambiente da academia.

Vale salientar que conservação ambiental baseada nos saberes da tradição, ou seja, na interação entre populações tradicionais e natureza, desta forma, configura-se uma gestão compartilhada dos recursos naturais entre o Estado, as populações locais e entidades ambientais, porém baseado principalmente nos saberes e práticas tradicionais provenientes de comunidades populares.

A Constituição Brasileira de 1988 já previa a etnoconservação<sup>3</sup>, proteção dos conhecimentos tradicionais de algumas áreas, tais como o patrimônio histórico, genético e ambiental nos artigos 215, 216 e 225. Entretanto, o marco histórico da consolidação do movimento em prol da proteção dos conhecimentos tradicionais relacionados à biodiversidade no Brasil, passou a ter destaque e ser considerada importante com a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD). Ocorrida no Rio de Janeiro, também conhecida como Rio 92 em alusão à cidade sede, ou Cúpula da Terra, a conferência contou com a presença e mediação de chefes de Estado que representou 179 países e enfatizou a necessidade de proteger as populações tradicionais, bem como os conhecimentos provenientes delas.

Para tanto, é necessária a complementaridade de relações entre o conhecimento científico e o tradicional, pois a ciência é uma forma de compreender o mundo, porém não é a única, nem tão pouco é capaz de abranger todos os saberes.

---

<sup>3</sup> A **etnoconservação** configura-se como uma proposta político-acadêmica que, de maneira geral, defende a ação conservacionista a partir de uma implicação indissociável entre populações tradicionais e ecossistemas (DIEGUES, 2008).

O surgimento da ciência moderna trouxe grandes avanços para a humanidade em todos os campos de conhecimento, principalmente os voltados à tecnologia e informação.

Porém, com o advento dos saberes científicos, os saberes tradicionais, tendem a perderem seu espaço e chegar ao esquecimento em vários setores da sociedade moderna. O crescimento exponencial da população mundial, aliado ao mau uso dos recursos disponíveis e os altos níveis de poluentes da água, do solo e do ar levou a humanidade a repensar a convivência com o meio ambiente.

Da Rio 92, surgiu a Agenda 21, que no capítulo 12, trata do manejo de ecossistemas frágeis: a luta contra a desertificação e a seca. Entre as atividades propostas, destacam-se a previsão de desenvolvimento de modelos de uso da terra baseados em práticas locais e o aperfeiçoamento de tais práticas, com o objetivo específico de evitar a degradação da terra. Os modelos devem fornecer uma melhor compreensão dos inúmeros fatores naturais e fatores decorrentes da ação humana capazes de contribuir para a desertificação. Esses modelos devem realizar a interação entre as práticas novas e tradicionais, com o objetivo de impedir a degradação da terra e refletir a capacidade de recuperação do sistema ecológico e social como um todo, bem como promover programas integrados de pesquisa sobre proteção, restauração e conservação dos recursos hídricos e das terras, utilizando o manejo do uso da terra apoiados em abordagens tradicionais sempre que possível.

A inclusão das populações tradicionais na agenda 21 em seu capítulo 26, trata do reconhecimento e fortalecimento do papel das populações indígenas e suas comunidades e prevê em seus objetivos, o reconhecimento dos valores, dos conhecimentos tradicionais e das práticas de manejo de recursos, tendo em vista promover um desenvolvimento ambientalmente saudável e sustentável. Ademais acrescenta o reconhecimento da dependência tradicional e direta dos recursos renováveis e ecossistemas, inclusive a colheita sustentável como essencial para o bem-estar cultural, econômico e físico das populações indígenas e suas comunidades.

O surgimento do movimento naturalista parte da premissa de que o homem é parte integrante da natureza e ao assim considerá-lo, descarta a visão antropocêntrica, antes predominante. Essa nova forma de ver a relação entre sociedade e natureza, os coloca numa posição de igualdade e destaca a importância de se estabelecer uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente.

[...] A relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma reducionista, nem de forma disjuntiva. A humanidade é uma entidade

planetária e biosférica. O ser humano, ao mesmo tempo natural e supranatural, deve ser pesquisado na natureza viva e física, mas emerge e distingue-se dela pela cultura, pensamento e consciência. Tudo isso nos coloca diante do caráter duplo e complexo do que é humano: a humanidade não se reduz absolutamente à animalidade, mas, sem animalidade, não há humanidade (MORIN, 2003, p. 40).

Nessa perspectiva, os agricultores familiares ribeirinhos desempenham um papel fundamental no trabalho de conservação da biodiversidade e manutenção da economia familiar, de forma a garantir a produção dos alimentos, bem como a transmissão do conhecimento tradicional as futuras gerações.

O município de Serra do Ramalho está localizado no oeste da Bahia, mesorregião do Vale do São Francisco, microrregião de Bom Jesus da Lapa com uma distância de 964 km da capital do Estado da Bahia. Limita-se com os municípios de Bom Jesus da Lapa, Félix do Coribe, Carinhanha, Malhada, Santana e São Félix do Coribe. Sua população de acordo com o último censo de 2010 é de 31.638 pessoas distribuídas em uma área de 2.677 Km<sup>2</sup> (BRASIL, 2019).

**Figura 1:** Vista da comunidade para o Rio São Francisco



Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2019.

Os conhecimentos tradicionais acerca da utilização do rio caracterizam-se como saberes da tradição, principalmente por seu modo de uso, no qual os bens produzidos são repostos por processos naturais em uma escala de tempo compatível com a cultura de determinado grupo social, o que fundamenta o real sentido de sustentabilidade (ALMEIDA, 2010).

As falas podem revelar a realidade local, bem como suas necessidades e anseios, neste sentido, busca-se responder a seguinte pergunta: Como a organização das informações sobre as

práticas e os conhecimentos, da população local, associados ao uso do rio podem contribuir para o alcance dos pilares do desenvolvimento sustentável?

Visando o resgate do conhecido produzido pelos intelectuais da tradição, foram realizadas entrevista com três dos moradores mais antigos da comunidade de Barra do Ipueira. Nas entrevistas foram abordadas questões sobre conhecimentos ambientais, mais precisamente temas relacionados ao rio e à mata, bem como questões culturais e sociais com o intuito também de investigar a transmissão desses saberes da tradição para as próximas gerações.

Partindo das referidas entrevistas, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo é apresentado o objeto de estudo através de uma introdução que aborda os aspectos gerais do trabalho e sua problemática. Em seguida trata-se do percurso metodológico com a delimitação e abordagem adotada, bem como a importância dos saberes tradicionais para a vida dos ribeirinhos e a conservação Rio São Francisco.

O segundo capítulo, são apresentados conceitos elementares de assentamentos e comunidades ribeirinhas, produção e reprodução do conhecimento a partir da relação com o rio.

O terceiro capítulo, intitulado “Saberes produzidos na Comunidade de Barra da Ipueira, reflexões a partir dos relatos dos intelectuais da tradição” é apresentada as análises e reflexões realizadas ao longo do desenvolvimento do trabalho, com base nos aportes teóricos aos quais a pesquisa foi submetida.

No quarto e último capítulo é apresentada algumas considerações sobre a construção e sistematização de conhecimentos permeados pela ecologia de saberes que dão suporte às práticas cotidianas dos ribeirinhos, fundamentados em anos de observação e passados de geração em geração.

## **1.1 Percurso metodológico**

A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade de Barra do Ipueira, povoado integrante do Projeto de Assentamento Agroextrativista São Francisco, na zona rural de Serra do Ramalho, Bahia. Ao considerar os conhecimentos tradicionais locais relacionados ao uso e convivência com o rio, este trabalho se orientou através de uma abordagem qualitativa, o qual

busca compreender a ecologia de saberes, a partir do resgate dos saberes ambientais tradicionais de moradores da comunidade. De acordo com Minayo (1995),

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995, p. 21-22).

Dessa forma, a pesquisa propôs fazer um levantamento dos conhecimentos tradicionais e uma interpretação direcionada para o caráter subjetivo com a finalidade de traduzir a leitura dos conhecimentos e saberes tradicionais presentes na Comunidade de Barra do Ipueira.

O pensamento científico, consolidou-se a partir dos estudos de Sócrates, no séc VI a.C com a busca pela “prova científica”, desde então a busca por comprovação do conhecimento se resumiu ao estudo dos fatos e fenômenos da natureza, sempre através de dados que pudessem se mensurados, somente à partir de meados do Século XIX com o surgimento do positivismo, de Augusto Comte que a ciência vai incluir o homem e os fenômenos sociais em suas pesquisas (GIL, 2008).

Os métodos de pesquisa se diversificaram com o passar dos anos e embora grande parte da comunidade científica seja restrita aos que já estão costumeiramente adotados, sempre surgem novas perspectivas de investigar determinada realidade. Para Santos (2009), estamos no fim de um ciclo de hegemonia de certa ordem científica e afirma com uma postura completamente antipositivista:

A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético. (SANTOS, 2009, p. 38-39).

Como essencial ao processo de produção de conhecimento, a decisão metodológica não pode ser reduzida a apresentação dos passos de uma pesquisa, mas também engloba os caminhos da investigação científica, de forma que o método deve explicitar os

pressupostos teóricos que sustentam a maneira pela qual o pesquisador estudará uma dada realidade, a concepção dessa realidade e a finalidade ética do conhecimento (FODRA et al., 2007, p. 76). Todas as metodologias, até mesmo as mais óbvias, têm seus limites (FEYERABEND, 2011, p. 47).

Destarte, Bunge (1980) leciona que não há um método para tudo, nem tampouco uma técnica infalível, viver uma realidade e compreendê-la pressupõem também a criação de um método novo, afinal, “o método científico não é, nem mais nem menos, senão a maneira de fazer boa ciência, natural ou social, pura ou aplicada, formal ou factual” (BUNGE, 1980, p. 34).

Vivemos uma era de reorganização da ciência e os novos conhecimentos apontam para uma maior atenção aos conhecimentos produzidos em nosso tempo. Dessa forma quanto à abordagem teórica, este trabalho foi embasado no paradigma de Boaventura de Souza Santos, que se traduz em de um conhecimento prudente para uma vida descente.

Para Santos (2009), um novo paradigma se anuncia no horizonte: ou seja, que a revolução científica atual é diferente da que atravessamos no século XVI. Para ele, por ser uma revolução científica em uma sociedade revolucionada pela ciência, o novo paradigma não pode ser apenas científico (conhecimento prudente), tem de ser também social (uma vida descente).

Ao tratar de uma ecologia de saberes, a partir do resgate dos saberes ambientais tradicionais de moradores da comunidade de Barra do Ipueira, o presente trabalho classifica se como uma pesquisa qualitativa, que conforme afirma Vasconcelos (1997) entre outros autores, requer o uso de vários instrumentos de escolha de dados. Neste caso, em particular ao invés de coleta de dados, peço licença para chamar de escolha de dados. Para melhor investigação dos conhecimentos e saberes tradicionais, inserido numa perspectiva descritiva e contextualizado com a proposta de pesquisa, foi utilizada a entrevista semiestruturada com três moradores de mais idade, pertencentes à comunidade de Barra da Ipueira, bem como e a observação participante que foi resultado de diversas visitas e conversas os com moradores da comunidade.

Questionamento é mais profundo, também, mais objetivo de levando ambos há um relacionamento recíproco muitas vezes, de confiabilidade. Será que gente mente, elas dizem respeito à uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos de comportamentos. Exigem que se componha um roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as

minúcias ficam por conta do discurso do sujeito e da dinâmica que acontece naturalmente (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 31).

As entrevistas semiestruturadas que foram realizadas tiveram importante relevância para a construção desse trabalho, pois foi a foram a escolhida para garantir uma segurança em relação aos conhecimentos presentes que venham de um maior período de tempo.

Na busca em compreender a ecologia dos saberes imbuídos na comunidade através da fonte dos mais antigos, os pontos abordados na entrevista versaram sobre os saberes tradicionais dos sujeitos e do ambiente em que vivem. Com o objetivo de classificação do conhecimento e identificação dos aspectos que melhor contribuem para a compreensão dos saberes ambientais tradicionais foram elencados temas relativos ao modo de vida, ao rio, à pesca, à mata e aos pássaros. Para que os entrevistados ficassem mais à vontade, foi lançado mão de um gravador<sup>4</sup>, instrumento que facilitou a observação das expressões quando do momento da fala, bem como a captura em sua totalidade as falas dos interlocutores.

Conhecer os intelectuais da tradição foi imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa, pois eles que carregam consigo grande parte dos conhecimentos tradicionais, deste modo, a técnica *snowball*, ou “Bola de Neve”, foi a principal ferramenta para localização dos anciãos da comunidade. Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais, onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). O “ponto de saturação” é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (WHA, 1994). Portanto, a *snowball* (“Bola de Neve”) é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede.

Duarte (2004, p. 215) afirma que, as entrevistas, se forem bem realizadas, permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelece no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

---

<sup>4</sup> As entrevistas realizadas nessa pesquisa foram gravadas e transcritas em sua totalidade com a permissão dos entrevistados.

As observações que serão levantadas e sistematizadas na Comunidade de Barra do Ipueira, buscam a compatibilidade com os objetivos da pesquisa, os saberes tradicionais passados através das gerações e o modo como a população se relaciona com os recursos naturais disponíveis, mais especificamente com o rio.



## **2 COMUNIDADES TRADICIONAIS E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

O Brasil possui, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) uma área de 8,5 milhões de km<sup>2</sup> e seis diferentes tipos de biomas (Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas), o que significa gerir de uma área continental de elementos físicos, químicos, biológicos e sociais.

Com um país de proporções continentais, pode-se afirmar que existem também diversas comunidades tradicionais espalhadas pelo território nacional. Diante da degradação do meio ambiente imposta pelo atual modo de vida consumista, pode-se encontrar nos saberes da tradição, oriundos das comunidades tradicionais uma forma de mitigar os problemas causados ao meio ambiente.

A fim de incluir os povos e comunidades da tradição nas ações pelo desenvolvimento sustentável, foi instituída em 2007 pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). Essa iniciativa visa promover o fortalecimento dos direitos territoriais, sociais e ambientais, econômicos e culturais, valorizando os saberes e identidade das comunidades tradicionais, coordenada pela Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), que conta em seu quadro representantes dos povos faxinalenses, da cultura cigana, indígenas e quilombolas.

A integração dos povos tradicionais nas discussões sobre as políticas de preservação do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável, traz uma nova perspectiva, visto que, esses povos detêm um conhecimento de vivência com a diversidade de biomas presentes no território nacional, e conhecem bem o que pode ser feito para preservação do meio ambiente, além de poder transmitir sua cultura e conhecimento a gerações vindouras.

Desta forma, o Desenvolvimento Sustentável traz consigo a premissa de harmonização entre a produção e o consumo com a manutenção dos estoques estratégicos de solos, cobertura vegetal, biodiversidade, ar, água e demais recursos naturais. No entanto, é questionável a compatibilidade dos sistemas econômicos com os sistemas naturais, mais especificamente diante da globalização econômica imposta pelo capitalismo selvagem, fundamentada na exploração exagerada dos recursos naturais, que compromete a qualidade desses recursos e só põe em risco todos os seres vivos.

Este é o momento em que a população começa a despertar para a situação real das condições de vida e uso dos recursos naturais, bem como tentativas de ações mais diretas por parte do poder público. A responsabilidade socioambiental tornou-se um tema debatido em do mundo e as empresas não ficaram de fora. Entretanto, para Veiga (2010), a definição apresentada pela Organização das Nações Unidas (ONU), para o conceito de desenvolvimento sustentável tem conteúdo político e amplo, voltado para o progresso econômico e social e que institucionaliza nesta expressão o maior desafio e o principal objetivo das sociedades contemporâneas, que é a conciliação entre crescimento econômico e conservação da natureza.

Em relatório de 2018 divulgado pela organização internacional não governamental, *World Wildlife Fund* - Fundo Mundial para a Vida Selvagem e Natureza (WWF) aponta as atividades provenientes do setor agropecuário como um dos principais fatores que influenciam no desequilíbrio ambiental e atualmente tem se revelado como um dos principais agentes causadores da extinção da fauna e flora, principalmente com o uso de agroquímicos que geram impactos no solo e na água, dentre outros.

Perpassando pela ideia de Barbieri e Sachs, o movimento pelo desenvolvimento sustentável parece ser um dos movimentos sociais mais importantes deste início de século e milênio. São incontáveis as iniciativas voluntárias, relacionadas com o desenvolvimento sustentável, tanto nas organizações e empreendimentos urbanos, quanto rurais. Entretanto, numa outra vertente dos movimentos ambientais Acselrad (2004), aponta outro fator importante, que considera o núcleo do problema ambiental – sendo este o desperdício de matéria e energia, as empresas e os governos de modo geral, tendem a defender as ações da chamada “modernização ecológica”, destinadas essencialmente a promover ganhos de eficiência e a ativar mercados. Ou seja, agem basicamente no âmbito da lógica econômica, atribuindo ao mercado a capacidade institucional de resolver a degradação ambiental, “economizando” o meio ambiente e abrindo mercados para novas tecnologias ditas limpas.

A agricultura no Brasil é considerada uma das principais bases da economia, desde a colonização até os dias atuais. Nesta perspectiva surge o Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) São Francisco que está situada na região Oeste do Estado da Bahia às margens do Rio São Francisco, entre os municípios de Serra do Ramalho e Carinhanha. O projeto de Assentamento São Francisco está localizado distante, aproximadamente 600 km da Capital Federal e 900 km da Capital baiana e ocupa uma área de

20.820 ha. Nele encontram se legalmente assentadas 600 famílias tradicionais, dividida entre 11 comunidades (SODRÉ, 2008).

A importância da floresta na manutenção dos ecossistemas e no desenvolvimento sustentável fevereiro de 2018 alterou alguns artigos do Código Florestal de 1965. Lei 12.651 de 25 de maio de 2012 modificada em alguns pontos pela Lei 12.727 de 17 de outubro de 2012.

### 3 SABERES QUE EMERGEM DA NATUREZA

A forte interação do indivíduo com a natureza está muito presente nas comunidades ribeirinhas e tal fator se dar pela aproximação com o meio natural desde muito tempo, fato este que lhes conferem profundo conhecimento acerca do rio, dos peixes e das matas. Tais conhecimentos são advindos da prática diária para a construção e desenvolvimento do seu modo de vida à margem do rio.

Para os povos ribeirinhos a natureza influencia diretamente nas suas atividades cotidianas e é geralmente a partir dela que se constroem suas técnicas e métodos de trabalho. Não desqualificar o A necessidade de quantificar o conhecimento, por muitas vezes faz o com que a sabedoria adquirida pelos intelectuais da tradição não seja considerada como algo relevante para a sociedade, já que nos parâmetros científicos, o que não pode ser quantificado é irrelevante para a ciência (SANTOS, 2009).

Daí a necessidade da não desqualificação do conhecimento tradicional em detrimento aos saberes científicos. Este é o desafio para a sociedade moderna, afinal foram as experiências vivenciadas pelos intelectuais da tradição que serviram de base para a construção dos saberes científicos (ALMEIDA, 2017).

O conhecimento científico e os saberes da tradição por muitas vezes são desassociados um do outro, devido a exigência de sair do senso para formar o conhecimento superior e apresentá-lo elegantemente a sociedade, marginalizando os conhecimentos oriundos dos intelectuais da tradição (ALMEIDA, 2017).

Obviamente deve existir uma diferenciação entre conhecimento científico e os saberes da tradição, entretanto não uma dissociação, afinal os conhecimentos adquiridos pela humanidade devem se completar para que haja uma harmonia no crescimento da humanidade como seres pensantes. Ao se completar a ciência e os saberes da tradição traz novos olhares e perspectiva de mundo para os agentes da sociedade, construindo uma abordagem mais harmoniosa do conhecimento.

A sociedade brasileira, em especial comunidades tradicionais, é rica em saberes, esses saberes que na maioria das vezes está na memória dos mais velhos, devem ganhar mais atenção com a sistematização para que eles não caiam no esquecimento, conforme afirma Rodrigues (2007), que os saberes tradicionais compõem um patrimônio cultural de um povo e caso não haja ações para preservação desse patrimônio, ele corre sério risco de cair no esquecimento.

Almeida (2017) cita o conhecimento científico como a ponta de imenso *iceberg*, onde o conhecimento tradicional serve como base e fica entranhado nas profundas águas do esquecimento. Tornar esse conhecimento visível é também trazer à tona a verdadeira, base, a raiz do conhecimento científico e o grande desafio é não deixar o conhecimento tradicional, a vivência e a cultura de um povo virar apenas um conto ou uma lenda.

O conhecimento científico não pode ser tratado com leviandade, mas também não pode ser descartado o conhecimento da tradição, que apesar de não poder ser quantificado tem enorme relevância para a construção da cultura e legado de um povo.

Sendo assim, o senhor Silvino de oitenta e sete anos, Dona Francisca de setenta e quatro e Seu Claudionor de oitenta e quatro são os três principais anciãos que vivem na Comunidade Agroextrativista de Barra do Ipueira, localizados através nossa pesquisa. O que têm em comum não é apenas o fato de serem os ribeirinhos mais velhos da comunidade: eles têm na natureza sua principal fonte de subsistência, trazerem consigo, saberes associados à pesca e as atividades rurais que vem do conhecimento da natureza e se sentem como parte daquele lugar.

### **3.1 Comunidade de Barra do Ipueira**

Quando os primeiros habitantes construíram suas primeiras casas, a comunidade de Barra do Ipueira era repleta de vida. O Povoado de Barrinha do São Francisco juntamente com os povoados de Fechadinha e Baraúna, integra a Comunidade de Barra do Ipueira, definida no Projeto original do Assentamento Agroextrativista São Francisco e configura uma importante área do ponto de vista ecológico haja vista que é o povoado que margeia o Rio São Francisco.

**Figura 2:** Margem do Rio São Francisco, Barra da Ipueira



Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2019.

A principal atividade econômica desenvolvida na comunidade é a agricultura de subsistência, baseada principalmente do cultivo da olericultura e criação de animais de pequeno porte.

Algumas populações tradicionais ribeirinhas atribuem valores “Entre esses elementos, os rios, riachos, lagos, córregos e nascentes desempenham um papel fundamental para a produção e reprodução social e simbólica do modo de vida, garantindo água para atendimento aos diversos usos e demandas pelas populações tradicionais ribeirinhas” (DIEGUES, 2007, p. 03).

A relevância da percepção da comunidade para efetivação das políticas de conservação ambiental que desenvolveram ao longo do tempo um vasto conhecimento a partir da convivência e observação da natureza.

### **3.2 Saberes oriundos dos intelectuais da tradição de Barra da Ipueira**

Com o intuito de desenvolver a pesquisa proposta e através dela desbravar os conhecimentos locais, foi o momento de ir a campo. Inicialmente entrei em contato com um morador e foi marcada uma reunião com a presidente da associação de moradores, logo

em seguida presença nas reuniões, conversas com moradores e por três vezes estive na Comunidade de Barra do Ipueira exclusivamente para colher as narrativas de três dos seus mais antigos moradores. Essas entrevistas foram realizadas entre outubro/2019 e novembro/2019. Já de posse da informação sobre os moradores mais antigos da comunidade, nos encaminhamos à residência do primeiro entrevistado, um senhor de oitenta e sete anos de idade de extrema lucidez e um incrível conhecimento da localidade e saberes da tradição local.

A primeira entrevista como já mencionado anteriormente, aconteceu com o senhor Silvino, ele é trabalhador rural aposentado, reconhece como o primeiro morador da comunidade de Barra do Ipueira e descreve com riqueza de detalhes a situação de sua chegada na cidade de Bom Jesus da Lapa e posteriormente no local onde viria ser a comunidade plano de fundo dessa pesquisa.

A segunda entrevista foi com a dona Francisca, ela também é uma moradora antiga da comunidade de Barra do Ipueira e acompanhou grande parte do percurso de fundação e estabelecimento da comunidade. Dona Francisca, uma senhora bem humorada e ativa é natural do Pernambuco, conta que migrou ainda criança para a Bahia junto com a família em busca de melhores condições de vida.

O terceiro entrevistado foi o senhor Claudionor (Seu Nôzin, como é conhecido na comunidade), Seu Nôzin nasceu lá mesmo na região e apesar de ter passado um tempo fora, suas raízes o trouxeram de volta à comunidade de Barra da Ipueira. Atravessa todos os dias o rio São Francisco com o seu barco e passa o dia cuidando da lavoura na ilha, do outro lado do rio.

**Figura 3:** Senhor Silvino



Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2019.

Para o desenvolvimento da pesquisa e obtenção dos dados empíricos, segui um diálogo menos formal com os entrevistados, a fim evitar o constrangimento fala e conseguir um maior êxito na obtenção das informações relacionadas aos conhecimentos locais que predominam na comunidade.

Antes do início das entrevistas, foi realizada uma breve apresentação, bem como uma explanação sobre os objetivos da pesquisa e a metodologia empregada para obtenção das informações pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa referente aos saberes da tradição presentes na comunidade.

As entrevistas foram iniciadas buscando informações sobre os dados pessoais dos entrevistados, como nome, idade, profissão e tempo de habitação na comunidade. Logo em seguida foram abordados os questionamentos através da pesquisa semiestruturada, abordando temas como, meio ambiente, recursos hídricos, fauna, flora, culturas agropecuárias, uso de ervas medicinais, mudanças na paisagem, especialmente referente ao rio São Francisco, bem como fauna e flora da região da comunidade.



Um dos questionamentos levantados e tema de total relevância para andamento da pesquisa, foi o conceito de meio ambiente, para ter um termostato do quanto a presença do científico, do acadêmico se faz presente na comunidade, cuja resposta apresenta um tom de insegurança sobre o assunto e desconhecimento do assunto abordado:

[...] eu vejo falar, mais não entendo desse negócio, desse problema aí não, porque uma que as coisas hoje em dia são tudo mudadas, e estão mudando tudo, até o próprio do governo que entrou está mudando as coisas tudo. E aí para quem já é velho, como diz o outro, não vai compreender isso não (SILVINO, 2019, entrevista).

A falta de compreensão é perfeitamente aceitável, já que o assunto não é tão difundido para pessoas de idade mais avançada, até mesmo entre pessoas mais jovens com dificuldade de acesso à informação, questões relativas ao meio ambiente pode se apresentar como novidade, apesar da vivência dessas pessoas com o meio ambiente todos os dias da sua vida, nem todos conseguem compreender a amplitude desse tema.

Porém mesmo com a falta de conhecimento do tempo, percebe-se na fala de seu Silvino que os sinais de mudança na natureza são visíveis para ele com o passar dos anos. Seu Silvino em seu discurso que principalmente há mudanças nas margens do rio. Para ele as evidências de tais alterações é a ausência de muitos animais que antes se valiam das águas do rio para sua sobrevivência, sendo vistas nas margens, o que atualmente não ocorre. Também é válida a lembrança de que outrora o rio apresentava enchentes constantemente, fazendo com os moradores de sua margem viessem a se mudar para não ver tudo seu patrimônio destruído e seus pertences debaixo d'água, enquanto atualmente deu lugar a margens secas.

O rio era água de fora a fora, embarcava lá na Fechadinha, ia ver seconha Lapa. Em canto nenhum aqui ele não via seco... isso já tem um cado de anoque o ano dessas enchente grande, depois que fizeram essas barragem cabô as enchente. Essas que fizeram aí que pucharam água pra esses lugar seco que não tinha água, desviaram a água e então diminuiu as enchente aqui (SILVINO, 2019, entrevista).

Nesse relato do senhor Silvino, percebe-se que a falta de conhecimento técnico ou científico, não significa falta de percepção sobre a realidade do mundo e o que vem acontecendo ao seu redor. Ele relata com firmeza, dentro do seu grau de conhecimento, alguns dos motivos causadores da falta de enchentes do Rio São Francisco; a construção das barragens para hidrelétricas e também o desvio do rio para abastecimento de outras localidades que sofrem com a seca.

Observa-se ainda em sua fala que o senhor Silvino não vê outra coisa que possa ter afetado o nível das águas do Rio a não ser a construção das barragens, apesar de diversos estudos, que fogem do seu conhecimento, mostrar que o desmatamento das margens dos rios tem contribuído significativamente para o assoreio dos rios. “Pra mim foi essas barrage praque no tempo que não tinha essas barrage tinha inchente, depois dessas barrage pra cá cabô as inchente” (SILVINO, 2019, entrevista).

As mudanças não são observadas apenas no que tange a diminuição das águas segundo seu Silvino. Um dos pontos observados é sobre um dos modos de subsistência das populações ribeirinhas, a pescaria. Relatado por nosso interlocutor, a falta de peixes, antes em abundância na comunidade, provocou uma mudança de hábito significativa, tanto na quantidade e conseqüentemente no preço do produto que é escasso nos dias atuais. Peixes antes que bastava ir ao rio pescar, hoje tem que ser comprado pelos próprios moradores das margens do rio. “Nós ora na beira do rie e compra peixe purque tem hora que a gente vai caçar e não acha, as veis quem acha vende pra pessoa” (SILVINO, 2019, entrevista).

Seguindo os relatos do nosso interlocutor, percebe-se que as mudanças observadas não são só com relação ao rio que banha as terras, mas também quanto a quantidade de chuvas que agora caem sobre o solo. Questionado, ele relata que antes várias culturas eram plantadas em suas terras e nem era necessário usar as águas do rio, já que as chuvas eram abundantes. Fartura, foi um termo utilizado na fala do senhor Silvino que chama atenção para as mudanças ocorridas ao longo dos anos. Mostra um grau de percepção sobre as mudanças climáticas que aqui ele chama de tempo, mudanças essas que são sentidas principalmente na falta de cultivo de culturas que abasteciam a comunidade, bem como serviam para venda ou troca por outros produtos.

É mudança de tempo, só pode né. Pode ser mudança de tempo, purque cada um tempo de muda, esse ano é de um jeito, para o ano já é de outro, né?. E as mudanças são essas praque de primeiro, ave maria. meu deus do ceu, era uma fartura. Cê prantava uma roça, cê quase não podia nem acoier de tanta coisa que tinha. Hoje em dia cê pranta e não vê nada, faz é morrer tudo (SILVINO, 2019, entrevista).

Ainda sobre a definição de meio ambiente chama a atenção a fala do senhor Nôzin sobre o assunto, observa-se que entendimento dele é apenas não retirar as nada da natureza e fazendo um paralelo entre as entrevistas observa-se que uma das mudanças foi justamente a parada no desmatamento nas margens do rio São Francisco.

Sobre meio ambiente é uma coisa assim numa área estreita, né, que tem a natureza aí que não quer que tire, isso aquilo outro, que faz parte do meio ambiente, no caso que nos tamo falando aí, deixei de desmatar por isso, aí não desmatei mais, nem eu nem os outro (NÓZIN, 2020, entrevista).

Outro ponto abordado na entrevista com o senhor Silvino morador da comunidade de Barra do Ipueira foi sobre a utilização de ervas presentes nos redores e margens do rio para o tratamento de doenças. Nota-se aqui a mudança de mentalidade ao longo dos anos. Em seu relato, ele foi bem sucinto ao relatar a utilização de ervas raízes, porém substituídas por remédios receitados pelos médicos, o que não o impede de ainda tomar alguns chás de ervas consideradas medicinais. Porém vale salientar que, como em suas palavras remédios que antes eram feitos pelos moradores da comunidade para tratar diversos tipos de doenças, hoje em dia não se vê mais.

Eu tomava muita erva do mato, raiz de pau, muita coisa. Hoje em dia é remédio do médico. Tomo um chá de erva cidreira, capim santo, essas coisa, mas aqueles remédios que o povo fazia de primeiro ninguém faz mais não (SILVINO, 2019, entrevista).

Ainda nas falas do senhor Silvino, nota-se um algo bem interessante sobre o fato de técnicas para saber a chegada das chuvas na região, segundo as falas do nosso interlocutor um animal em específico é quem anuncia as chuvas, o sabiá. Um dos questionamentos, na entrevista era justamente sobre métodos e técnicas sobre a chegada das chuvas, e impressiona a observação da própria natureza pelos intelectuais da tradição, observação essa que geraram o conhecimento, sobre a natureza e seus agentes, e como podem se beneficiar de tais conhecimentos para seu próprio proveito, como por exemplo, tempos de chuva e quando plantar.

Porém, é relevante salientar, que na mesma fala, nossa entrevista relata o processo de mudança ocorrido ao longo dos anos, sendo ele, até mesmo coisas como o cantar do pássaro, que anunciava chuva, já não significa que ocorrerá como os tempos de outrora. Em suas palavras ele diz, “tudo mudou”.

A sabiá é que gosta de chamar chuva. É, a sabiá. Ela aí advinha huva, quando canta é pa chover. Essa bicha também, a saracura, tudo cantava, ne? Ali nego dizia: a enchente vai ser grande, pode ter na certeza que nesse ano a enchente é grande. Hoje em dia, o passo canta e ninguém vê nada, por isso q eu digo pra senhora, mudô tudo (SILVINO, 2019, entrevista).

Falar em mudança na Barra do Ipueira, não são só ambientais, os relatos colhidos nessa entrevista mostram que os moradores mais novos têm migrado para outros povoados da mesma região, cita-se, Fechadinha e Braúna, porém não é só mudança de localidade, mas também de mentalidade. Nosso interlocutor relava que plantações praticamente ninguém mais faz, pesca são poucos que ainda se arriscam, mas uma atividade em particular tem sido praticada na localidade vizinha, a de Fechadinho, a retirada de areia do leito do rio para a venda. Em especial essa atividade, acelera o assoreamento do rio, causando grave impacto ambiental, diminuindo ainda mais as proteções naturais do rio São Francisco. “[...] mas o povo aqui, algum que meche com isso é só pescar e lá na fechadinha a maioria meche com negócio de areia, trabaia na areia, arrancano areia do rie pa vender [...]” (SILVINO, 2019, entrevista).

Nos relatos narrados ficam evidenciados as mudanças que foram acontecendo gradativamente ao longo dos anos na comunidade de Barra da Ipueira e consequentemente reflete em todo ecossistema mundial. Algumas mudanças aconteceram para beneficiar algumas comunidades em detrimento a outras, realizadas outras com o discurso de bem comum, mas certo é que essas mudanças podem ter tragos impactos talvez irreversíveis.

Mudança talvez seja a palavra mais ouvida durante o processo de entrevistas com os intelectuais da tradição, moradores da comunidade de Barra da Ipueira. Fazendo um paralelo com as falas dos nossos interlocutores, escutou-se muito sobre como tudo está mudado. Dona Francisca, no auge dos seus 73 anos de idade reforça ainda mais as falas do senhor Silvino, quando nos seus tantos anos as margens do velho Chico observou o que a falta de cuidado com o rio pode causar não só a ele, mas também à população do seu entorno.

Eu tinha uma escritura que meu pai me deu quando eu tinha oito ano, eu tinha uma escriturinha pequena assim que meu pai trouxe de Juazeiro do Pade Cíço. E ela dizia assim, que de 2000 em diante vinha uma era que tudo mudava, até o sol mudava a temperatura. Não é que mudou mesmo? Não mudô? (Dona Francisca, entrevista).

As mudanças mencionadas, podem ser retratadas principalmente de como o rio era antes e ficou depois de anos de exploração, descaso e maus tratos, sendo Dona Francisca (2019) antes o rio era estreito, porém fundo, tão estreito que poderia facilmente ouvir a fala de outra pessoa do outro lado de suas margens. Ainda segundo a fala da entrevistada, com os passar dos anos e a degradação, o rio foi ficando cada vez mais largo, e a profundidade antes considerável, deu lugar a um lugar onde se tem pouca profundidade.

**Figura 4:** Dona Francisca



Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2019.

De acordo a fala de nossa interlocutora da pra observar o quando o rio avançou tomando como base um velho poste que segunda suas palavras ficava a mais de cento e cinquenta metros da margem do rio e hoje está praticamente engolido por suas águas.

Tem um poste de ferro aqui, a distenção que era onde tinha esse poste pa beira do rio, hoje tem mais de 150 metro. Tem mais de 150 metro, pqe o rio era estreito, só era fundo., mais era estreito. Aqui na nossa parte aqui, ele era estreito (FRANCISCA, 2019, entrevista).

**Figura 5:** Poste de ferro citado por Dona Francisca



Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2019.

A degradação do rio foi contínua e até o presente segue o rumo de destruição do bem tão precioso do nosso país. Falta conscientização do governo e também das pessoas que o utilizam para os diversos fins que o mesmo proporciona.

Ao analisar a fala de dona Francisca, pode-se observar que mesmo com a falta de estudo, apenas com a saberia construída ao longo dos anos, pela observação do seu entorno, ela conhece de fato os responsáveis por toda a degradação que não só o rio, mas também a natureza como um todo sofre, o ser humano. “[...] a gente acha que o rio morreu e somos os culpados da morte do rio as pessoas que não se conscientizam pra saber que o rio precisa de ter vida” (Dona Francisca, entrevista).

Os saberes da tradição são necessários para que aliados com o saber científico possa tecer um diálogo, no intuito de resgatar o que ainda resta da natureza. Utilizando desses saberes e aliados a políticas que possam restaurar e mitigar os impactos ocorridos no meio ambiente.

Observa-se que mesmo sem conhecimentos técnicos ou científicos, os agentes dos saberes da tradição indicam o caminho para recuperação do que foi destruído pelas mãos dos homens, nesse caso em específico, o rio São Francisco que banha a comunidade de Barra da Ipueira.

Então eu acho importante o Rio São Francisco e os meus votos é pra que o Rio São Francisco tivesse vida, que tivesse revitalização, que as pessoas conscientizasse os outros também pra fazer o Rio São Francisco renascer a vida dele, como era (Dona Francisca, entrevista).

Uma correlação entre repostas ao questionário observa-se que apesar de algumas vezes serem usados coisas distintas, as respostas se equiparam quanto a percepção da natureza. Um exemplo é sobre a forma como os intelectuais da tradição percebiam a chegada da chuva, entra em cena então alguns fatores. Já vimos na fala do senhor Francisco que o cantar de um pássaro anunciava a época de enchentes e chuvas na região, vamos analisar as falas de outros dois intelectuais da tradição.

No rio o sinal que dava quando era pra chover, quando era pra aumentar a água do rio, podia o rio tá sequim, que quando cê chegava na beira do rio tinha aquele cheiro, aquela água tinha aquele cheiro tão bom, era Cuma uma que tinha uma preparação na água, sabe? Ai pudesse esperar que tinha chuva e tinha cheia, agora cabo. Os sinais que nois tinha da preparação, dos cânticos dos passarinho, dos pássaro, dos camaleão [...] (Dona Francisca, entrevista).

Esse sinal de enchente a gente tinha quando tinha enchente, né? Pque agora eu não sei, acho que tá todo mundo é mentino, a gente amanhecia cedo, de manhã cedo, cê oiava no barrado assim oh, eh esse ano vai ter enchente! [...] (Nôzim, 2020, entrevista).

Pá chuva esse camarada aí oh: o mandacaru! Ele não tá infulorado? ava seco, ele começou infular eu digo ê iá, vai ter uma chuvadinha...oh ih oh! Tá funcionando que ele é um pé de arvore e le não mente não. Agora os pássaro, aquela saracura, tinha muito ela aí cantaano aí, agora não ver, mais, a turma começa a castigar as bixinha, elas cai fora. A gente via a saracura cantar de terdinha na hora que ela ia dormir ela começava a cantar, dizia é ainda vai ter chuva que a sacacura tá cantano (Nôzim, 2020, entrevista).

**Figura 6:** Senhor Nôzin



Fonte: Pesquisa de campo, janeiro de 2020.

As falas se completam, os povos ribeirinhos observavam os mesmos sinais para saber se viria ou não chuva, se o rio daria enchentes grandes ou pequenas segundo suas falas. Porém há uma preocupação recorrente em todos os nossos interlocutores, os sinais continuam os mesmos, mas o resultado nem sempre é o esperado. As chuvas não chegam, as enchentes não vêm, as plantações antes dependentes das chuvas, hoje dependem de motores puxando as águas dos rios, quando se atrevem a plantar.

A falta de chuva interfere diretamente numa das atividades exercidas pelos moradores da comunidade de Barra da Ipueira, a agricultura de subsistência. Corroborando com a fala do senhor Silvino, dona Francisca e senhor Nôzim também expressam sua opinião, alegando que a falta de chuva prejudica bastante a plantação de diversas culturas. Sabe-se que é necessário água para que as plantações possam desenvolver. Quando não caem do céu, eles procuram se valer do que tem mais próximo para não deixar as plantações morrerem. Porém com a seca do rio vem outra dificuldade para irrigação das plantações, o rio distante, lançam mão de motores para levar a água aos lugares onde é preciso para irrigar o solo.

[...] agora de dois mil pra cá foi que enfraquiô a chuva, efraquiô, a gente tem que plantar direto com o motô. Ô que tem inverno ou que não tem, cê tem que tá com o motô na beira do rio pque na hora que a chuva faltar, que esse dia a planta já não aumenta... Nois plantô as horta, não choveu, nois tem que se valer do rio né? [...] (Dona Francisca, 2019, entrevista).

Trabaio ne roça, tem um pedacinho de terra lá, não é muito grande mas coisa é na seca eu... que agora mesmo gente não pode nem prantar ... Tem vez que tem que moiar (Nôzim, 2020, entrevista).

**Figura 7:** Horta de dona Francisca



Fonte: Pesquisa de campo, janeiro de 2020.



**Figura 8:** Horta de dona Francisca visão 2



Fonte: Pesquisa de campo, janeiro de 2020.

Uma outra abordagem foi sobre a relação dos moradores do entorno do rio e atividade pesqueira da região. As respostas foram todas taxativas no que se trata da fauna aquática do rio São Francisco. Dona Francisca e senhor Nôzim, se valem da mesma opinião que o senhor Silvino que se trata de peixes e pesca, segundo suas próprias afirmações onde antes era um seleiro para a pesca, hoje, já não é encontrado tantos peixes assim. Mais uma vez observa-se na fala dos entrevistados que houve um processo forte de mudança, que veio a culminar com desaparecimento dos peixes e por consequência da ação indiscriminada do homem, o rio São Francisco padece.

Mais era muito peixe, muito peixe mesmo, muito peixe... hoje cabô em vista o que tinha, pode dizer que o rio morreu e cabô peixe de tudo, pode dizer que cabô (Francisca, 2019, entrevista).

[...] com o tempo foi acabano a boca de barra seco, a saída d'água e ficou só a dali de cima, mas também peixe não tem mais, peixe acabou, também não teve mais enchente grande (Nôzim, 2020, entrevista).

Hoje em dia a medicina popular ainda é utilizada por nosso povo lançando mão do que os mais antigos diziam, só que mesmo essa tradição, melhor diríamos, conhecimento da natureza e seus poderes curativos têm perdido espaço, assim como a crença das pessoas. O tempo está engolindo os saberes da tradição, algo que antes era passado por gerações, a nova geração, pelo andar das coisas, não irá repassar para os filhos.

Os intelectuais da tradição deixam claro que os novos procuram a medicina científica a fim de curar as doenças, se esqueceram que mesmo sem ser científico a medicina popular muitas vezes davam a eles a cura desejada, afinal, a medicina moderna se vale da

natureza, das plantas para elaborar os remédios. Assim os intelectuais da tradição se mostram apreensivos em respeito as tradições sendo perdidas.

Os chás nós usava e usa até hoje: chá de erva cidrera, chá de matruz ra dicumê que ofende, é só sentir uma mal digestão, tomar o chá de matriuz . Eracidreira, capim santo p sono né, muitas coisas a gente usa. O cha do quento pa dor no corpo. Alicrim, diz o povo que alicrim é bom pa coração, nós tombem usa ele. Pa pressão nois usa cha de umbu, cha de ciriguela, chá de folha de cana, de muito tipo de coisa. Cha de muitas coisa que a gente usa. Cha de arruda, tudo a gente usa chá, conforme o problema né? Cha de arruda já é pa dor. Imburana de cheiro também a gente usa muito, tanto a casca cumo a semente dela pa cumida que ofende... A gente passa para os filhos e neto, mas você vê hoje, nem neto, nem filho quase não acredita. Acredita mais no potencial das farmácia, né, dos médico (Dona Francisca, 2019, entrevista).

Observa-se também que alguns intelectuais da tradição, talvez por interferência dos mais novos tem substituído os chás pelos fármacos. A fala do senhor Nôzim, corrobora a do senhor Silvino. “Aqui o chá eu mesmo não tô usando não, mas essas pranta que a gente pranta, tudo ela é pra chá e serve de remeido” (Nôzim, 2020, entrevista).

É imprescindível buscar entender por que as novas gerações não querem saber das antigas tradições dos seus pais, talvez a melhora nos níveis de estudo tem levado cada vez mais distante das tradições. A falta de interesse, ou fê, nas palavras de dona Francisca um dos intelectuais da tradição dessa pesquisa, evidencia esse distanciamento em que a nova geração se coloca diante dos saberes da tradição.

A gente passa para os filhos e neto, mas você vê hoje, nem neto, nem filho quase não acredita. Acredita mais no potencial das farmácia, né, dos médico [...] pque eu tiro por Filipe mesmo, eu digo tem muitas coisas que eu digo vamos fazer um chá, Filipe procê tomar. Agora mesmo ele tá é ruim, eu falo com ele, vamo fazer um chá! – Ah vó, eu vou tomar é meu remédio do médico (entrevista).

Antes de conhecermos o mundo como é e todas as facilidades que o mundo moderno oferece, devemos pensar em como chegamos a esse de conhecimento. Pode-se afirmar que os intelectuais da tradição tem um grande papel na formação desse mundo prospero, pois antes de existir a ciência como a conhecemos, foi através dos conhecimentos acumulados através das observações dos intelectuais da tradição que puderam ser comprovados posteriormente pelos métodos científicos.

A falta de crença nas antigas tradições e nos relatos dos mais fica ainda mais evidência na fala do senhor Nôzim, quando é observado não apenas a singularidade de não querer saber

e transmitir os conhecimentos dos intelectuais da tradição, como também tentam descaracterizar esses saberes. Em uma de suas falas senhor Nôzim relata tal fato.

Essa nova geração se for falar uma coisa pra eles diga até que é mentira, que nem eu contei a história da ruma de peixe lá, se eu for falar pra eles: “ah! véi tá caducano moss, tá mentino, qual é essa ruma de peixe que ele já viu aqui”, diaga mermo, porque mudô mermo, tá tudo estranho aí eles não vão acreditar, por isso que a gente nem fala também né, vai falar, servir de besta, a gente nem conta (Nôzim, entrevista).

Os saberes da tradição correm o risco de não apenas serem esquecidos, mas também de serem descreditados, as novas gerações não só deixaram de acreditar como também desconstroem as falas dos mais antigos, a ponto dos intelectuais da tradição preferirem se calar do que fazer como nas palavras do senhor Nôzim “servir de besta”.

A forte interação do indivíduo com a natureza presente nos ribeirinhos se dar pela aproximação com o meio natural desde muito tempo, fato que lhes trazem conhecimentos sobre o rio, sobre as matas e lhes dão o saber prático para a construção e desenvolvimento do seu modo de vida à margem do rio.

O senhor Silvino de oitenta e sete anos, Dona Francisca de setenta e quatro e Seu Claudionor, mais conhecido como seu Nôzin de oitenta e quatro são os três principais intelectuais da tradição que vivem na Comunidade Agroextrativista de Barra do Ipueira, identificados através da nossa pesquisa. O que ambostem em comum não é apenas o fato de serem os ribeirinhos mais velhos da comunidade: eles tem na natureza sua principal fonte de subsistência, além de ambos trazerem consigo, saberes associados à pesca e as atividades rurais que vem do conhecimento da natureza.

Para os intelectuais da tradição a natureza influencia diretamente nas suas atividades cotidianas e é a partir dela que se constrói suas técnicas e métodos de trabalho. Somente em tocar na água e sentir a temperatura sabe se está bom para a pesca, conforme expõe o senhor Claudionor: “Na pesca, justamente quando tá pescano tá no claro, a lua tá de fora, se ela tá entrano uma base dumas dez, onze hora da noite, tá ruim de peixe, da uma volta aí a água esquenta tomem e não perde a viagem.”.

## 4 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento desse estudo auxiliou a compreender a ecologia de saberes pertencentes a comunidade de Barra da Ipueira, bem como, seu papel como agente de transformação da realidade relacionado as questões ambientais, econômicas e cultural dentro da comunidade local. Foi concebido o diálogo que permitiu sintetizar conhecimentos, interpretar a realidade vivida e romper com o silêncio imposto pelo sistema.

As histórias dos ribeirinhos da Comunidade de Barra do Ipueira, assentamento agroextrativista São Francisco revelam saberes, cuja função prática é indiscutível no contexto da localidade em que vivem. Conforme aborda Almeida (2007, p. 11), trata-se de “compreender sabedorias antigas, que nem por isso estão mortas, porque ainda falam do essencial que permanece.” Os saberes da vida aprendido na construção do conhecimento e edificado na vivência dos ribeirinhos devem ser afirmados como um conhecimento pertinente, posto que:

Ora, o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente pela capacidade de contextualizar e englobar (MORIN, 2003, p.15).

Os saberes da tradição, como conhecimentos passados de geração em geração, revelam a importância dada a conservação do ambiente, pelos agentes das comunidades tradicionais, que aliados aos saberes formais podem trazer o equilíbrio necessário à conservação da biodiversidade do planeta.

Foram encontradas algumas barreiras ao fazer com que camponeses, ribeirinhos, se expressem livremente acerca dos conhecimentos tradicionais. Em tempo de popularização do conhecimento científico, como eles não tiveram o conhecimento formal, escolar, por vezes comumente são legados o direito de fala sobre qualquer tipo de conhecimento. É difícil fazer com que camponeses, ribeirinhos, que não tiveram o conhecimento formal, escolar, que por vezes comumente são negados o direito de fala, se expressem livremente sobre assuntos relacionados aos saberes. O fato fica evidente no decorrer da pesquisa, com o

Senhor Claudionor, quando perguntado sobre como os jovens da Comunidade tem se relacionado diante dos conhecimentos tradicionais.

Sabendo que o conhecimento científico tem se popularizado, procuramos saber como se dá o conhecimento da população mais jovem sobre os saberes tradicionais e o entrevistado nos revela:

Essa nova geração se for falar uma coisa pra eles diga até que é mentira que nem eu contei a história da ruma de peixe lá, se eu for falar pra eles: „ah! véi tá caducano moss, tá mentino, qual é essa ruma de pexe que ele já viu aqui“, diaga mermo, porque mudô mermo, tá tudo estranho, aí eles não vão acreditar, por isso que a gente nem fala também né, vai falar, servir de besta, a gente nem conta.

A partir dessa fala pode-se identificar um elemento marcante. Os conhecimentos da tradição têm por fundamento básico a conexão com a natureza de forma geral, deste modo, o entendimento da relevância dos saberes tradicionais nos dias atuais, implica no respeito à diversidade, não apenas de saberes, mas de crenças, tradições, cultura, práticas e de modos de vida. Sendo assim, Silva (2007, p. 21-24), O Chico Lucas, apresenta partes da sua sabedoria:

- Cada um na sua área tem a sua formação.
- Tudo quanto a ciência descobre, a natureza já ensinou há muito tempo.  
Pisamos na medicina da natureza e nem percebemos.
- As pessoas que não prestam atenção, acham que a natureza não é nada e não tem nada a oferecer.
- A gente só conhece o campo, andando ele todo. Não é com um dia só que a gente arruma a bagagem do tempo inteiro.

A população do Projeto de Assentamento Agroextrativista São Francisco, Comunidade de Barra do Ipueira utiliza ainda muitas ervas medicinais, por exemplo. Entretanto há uma preocupação das pessoas mais antigas em manter a tradição, haja vista as gerações mais recentes não demonstram interesse sobre o assunto.

Conforme Diegues (2008) observa que nas populações que fazem o uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de geração para geração pela oralidade no decorrer da existência humana e/ou contemporânea e, pelo que se tem observado, tende à redução ou mesmo ao desaparecimento, quando sofre a ação implacável da modernidade.

A pesquisa trouxe não apenas a compreensão de uma pesquisadora, como também uma reconexão com a minha essência, a reflexão sobre o nosso papel no mundo, com algo que estava adormecido e foi despertado através das leituras e conversas sobre a teoria da complexidade.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. Meio Ambiente e Justiça: estratégias argumentativas e ação coletiva. *Justiça Ambiental e Cidadania*, Rio de Janeiro: Relume dumará, p. 23-40, 2004.

ALMEIDA, M. da C. X. de. *Complexidade, saberes científicos e saberes da tradição*. São Paulo: Física, 2010.

BARBIERI, J. C. *Organizações inovadoras sustentáveis*. Caderno de Inovação 2017.

BRASIL. MMA. *Povos e Comunidades Tradicionais*. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/terras-ind%C3%ADgenas,-povos-e-co,umidades-tradicionais>. Acesso em: 01 fev. 2020.

DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Nupaub USP/CEC, 2008.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*, Curitiba, Ed. UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

INCRA. *Criação e Modalidades de Assentamentos*. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/assentamentosmodalidades>. Acesso em: 31 dez. 2018.

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

LOUREIRO, C.F.B. *Sustentabilidade e Educação: um olhar da ecologia política*. São Paulo: Cortez, 2012.

MINAYO, M.C. de S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a forma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, M. de; BERGUE, S. T. *Políticas públicas: definições, interlocuções e experiências*. Caxias do Sul: Educs, 2012.

RODRIGUES, J. S. C. Estudo etnobotânico das plantas aromáticas e medicinais. In: FIGUEIREDO, A. C. BARROSO, J.G. PEDRO, L. G. (Eds). *Potencialidades e aplicações das plantas aromáticas e medicinais*. Curso teórico prático, 3 ed., pg 168-174, 2007. Lisboa, Portugal.

ROSA, M.V.F.P.C. ARNOLDI, M.A.G.C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Garamond, 2000. SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, B. de S.; MENEZES, M. P. [orgs.]. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, F. L. da. *A natureza me disse*. Organização Maria da Conceição de Almeida e Paula Vanina. Cencig. Natal: Flecha do Tempo, 2007. 65 p. il. (Coleção Metamorfose – v. 4).

SODRÉ, M. L. da S. S. *Às margens do Velho Chico: o projeto inconcluso do Incra e as consequências para o modo de vida das famílias ribeirinhas assentadas no PAE – SF*. 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2008.

VASCONCELOS, E. M. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VEIGA, José Eli da. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Editora Garamond, 2010.

WORLD WILDLIFE FUND (WWF). *Análise dos impactos ambientais da atividade agropecuária no cerrado e suas interrelações com os recursos hídricos da região do Pantanal*. Disponível em: [http://assets.wwf.org.br/downloads/wwf\\_brasil\\_impactos\\_atividade\\_agropecuaria\\_cerrado\\_pantanal.pdf](http://assets.wwf.org.br/downloads/wwf_brasil_impactos_atividade_agropecuaria_cerrado_pantanal.pdf). Acesso em: 02 jan. 2019.



## APÊNDICES

### **APÊNDICE A - Roteiros de entrevista com os moradores de Barra da Ipueira**

1. Qual o nome e a idade do (a) senhor (a)?
2. Há quanto tempo o (a) senhor(a) mora na Comunidade de Barra da Ipueira?
3. Como era a Comunidade de Barra do Ipueira quando o senhor(a) chegou aqui?
4. Com que o senhor trabalha/trabalhou na comunidade?
5. O que o senhor (a) entende por meio ambiente?
6. O senhor(a) já usou ou usa alguma planta para curar doenças?
7. Existe algum sinal ou técnica que o senhor (a) utiliza para saber os melhores momentos para o plantio e pesca?
8. Existe algum sinal ou técnica que o senhor (a) utiliza para identificar a chegada do período das chuvas na região?
9. O que mudou na comunidade em relação às técnicas utilizadas para a pesca?
10. Os novos moradores da Comunidade trabalha com quê?
11. Quais as diferenças que o senhor(a) percebe em relação ao tempo, ao rio, às árvores, os pássaros na Barra da Ipueira de antes e a de hoje?

## APÊNDICE B - Transcrição da entrevista com o senhor Silvino

Silvino, tenho 87. Silvino, primeira letra do meu nome é um Si, Silvino, povo chama Celvino, mas é Si, Silvino Ferreira dos Santos. Agora pá agravar os anos que eu moro aqui, que mora aqui eu não gravo não... é um bucado de ano, viu.

Trabaiei na roça, pescano aí no rie... o serviço era só esse. Vei rompeno de lá pra cá, nós começemo lá do barranco do rie, vei rompeno de lá pra cá, eu e comade Lurde, só nós dois, aqui não morava ninguém. Tô dizeno que não passava nem ninguém aqui ó, a gente dormia aí ó, no mei do terreiro. As casa não era essa, era umas casinha de barro que tinha aí, não tinha nada, aqui não tinha nada. Aqui pra gente ir pra Lapa, ia embarcado. O barco já tava aí no ponto, a gente embarcava, fazia a feirinha lá, botava dentro do barco, chegava aí saltava, vinha pro barraco.

Aí Viemo rompeno de lá da beira do rie pra cá, limpano, limpano, é roçando, até quando chegemo aqui. Quando chegemo aqui nós fizemo a roça pa plantar de chuva, que aqui ele é alto e aí não tinha negócio de cerca não, era aberto aí ó, não tinha bixo. A gente só espera a chuva no tempo, q nós aqui não tem negócio de motor pa puxar água do rie, essas coisas ne.

Eu sou do município de Pernambuco, lá de Petrolina, beira de rie. Mas né do lado da Bahia, é do lado do Pernambuco. Petrolina é empariado com Juazeiro é Petrolina dum lado e Juazeiro do outro, aí a pessoa atrevessa até a ponte, atrevessa o rie cuma aqui. A gente vêi praqui por causa de mudar do lugar, né, que a gente vêi pra cá no ano da barrage, que vêi muitas pessoa. Aí nos fiquemo em Xique-Xique, de Xique-Xique foi que nós viemo pa Lapa. Dá Lapa arrumemo essa rocinha aí, trabaiano de lá pa cá. Veio meu pessoal todo, eu a muié, os fie. Os mais véi morreu.

“Eu vejo falar, mais não entendo desse negócio, desse pobrema aí não, praque uma que as coisa hoje em dia tão tudo mudada, e tão mudando tudo, até o próprio do governo que entrou tá mudando as coisas tudo. E aí pra quem já é véi, como diz o outro, não vai compreender isso não.”

Ói Tudo tá diferente, as inchente era grande: quantas vezes nós mudemo daqui? vou falar pra senhora, lá pa Fechadinha, o menino meu mora lá na Fechadinha, eu mudei três veiz . Quando eu mudei pra lá ainda não tinha esse preido da Fechadinha, só tinha cumpade Vá aqui que morava lá, era uma cazinha sozinha que tinha lá. Ai nos mudemo pra lá, chagando

lá ele disse: “venha pra cá que aqui é mais alto, fica aí não que o rie pega aí vocês aí”. Justamente se não é ele que fala não ia, nós ia mudar não sei quantas veiz. Quá, lá onde nois ia ficar, oh meu Deus...sumiu tudo, ficou tudo dentro d’água. A água deu na casa nossa aqui, na cuminheira. O rie era água de fora a fora, embarcava lá na Fechadinha, ía ver seco na Lapa. Em canto nenhum aqui cê não via seco... isso já tem um cado de ano que o ano dessas enchente grande, depois que fizeram essas barrage cabô as enchente. Essas que fizeram aí que pucharo água pra esses lugar seco que não tinha água, desviaram a água e então diminuiu as enchente aqui. Nós não mudemo mais daqui, não teve mais enchente pra tirar nois daqui. Vei gente aí nessa baixie aí oh, só faz entrar na baixa e os meninos fica passando pra la com água aqui oh. Pronto, vai e volta não deu mais enchente pra tirar nós daqui não. Logo teve esses dismantelo dessas barrage que arrebentou, disse que o governo parou mais com essas barrage, agora pode até aumentar mais enchente esse ano, né?. Pra mim foi essas barrage praque no tempo que não tinha essas barrage tinha enchente, depois dessas barrage pra cá cabô as enchente. Prunque a senhora sabe que a água vai um tanto prum canto, volta um tanto pra outro, volta um tanto pra outro, diminui pro rie, ne? Diminuiu.

Tinha peixe no rie agora não tem, vejo ai os pescador vai pescar, do jeito que vai volta, não tem peixe mais no rie...não tem não. Naquele tempo tinha peixe, avemaria, meu Deus. As arribada de peixe que tinha no rie, quando o rie vazava, ele assombrava a gente, era tubá, tubá, tubá: o peixe saltando quando vinha as arribada. Povo matava tanto peixe que jogava era no mato e urubu comia, peixe ficava de graça na Lapa, de graça, não tinha preço. E agora tá tudo difici, tudo praque o peixe, vai pro rie não acha, as coisa subiu tudo, ta tudo caro, o salário... Nós mora na beira do rie e compra peixe purque tem hora que a gente vai caçar e não acha, as veis quem acha vende pra pessoa.

Eu pra mim foi por causa dessas barrage, que aonde a água entra o peixe também entra, se vem água de lá pra cá e toca pra dentro daquela barrage o peixe também vai, foi por isso que diminuiu pra nós aqui pro São Francisco, ta tudo esparramado no mundo num lado pra outro. Fez falta no rie aqui, oh purque tem muita barrage aí pra riba e pra baixo também, mas as de baixo não atinge nós aqui. Só atinge as de cima, as de cima é que atinge nós aqui, que as de baixo já vai pra baixo. Aonde é Irecê? Eu andei em Irecê, eu sei a distância que tem de Xique-Xique pra Irecê, a pois já puxaro barrage pra lá, já tem água pra lá do rie São Francisco. Ali ó romba, serra, bagaça tudo, não sei que diabo que eles faz que quebra as pedra e some pro de baixo, vara de um lado pro outro e vai embora, é brincadeira uma coisa dessa? Por isso que vê esses caso tipo dessas que fizeram, pra mim essas barrage se deu esse

caus, ela desbarrancou, já matou um cado de gente, ali foi pra da um exemplo porque como é que faz barrage de barro? E as que fez de semente com concreto, com tudo, como não desmantelou? Desmantelou as de barro, a gente viu o barro descê oh, na televisão a gente vê. Ali é serviço mal feito, não pode fazer barrage de barro. A chuva bate, bate, vai indo vai amolecendo, amolecendo, e quando desba é de uma vez, cabô. Destruiu imas duas ou três aí que vi falar aí pra riba.

Moço, eu pescava de terra-fa, era de anzol, minha pescaria era essa, nem rede eu não labutava com negócio de rede, era só tarrafa, praque?: nos morava aí oh, as croa era aí mesmo, peixe na croa, cê jogava uma tarrafa, se outro piloto não viesse lhe ajudar, oce não botava o peixe dentro do barco, enchia, chegava a tarrafa vinha aberta de peixe. Era desse jeito, crumatá, curvina, pocomom, surubim, era tudo quanto era peixe que pegava. E agora qualé o pocomom que oce vê?, qualé a traíra q ocê vê?, qualé o surubim? Mal um mandim e uma crumatazinha desse tamanhin oh, que encosta aí na beira da croa, desse tamanhin.

Hoje tão pescando de rede e de arame. Bota o arame no fundo da água, lá no fundo, embaixo, bota a pedra lá, desce, amarra aqueles anzol no arame e pesca com minhoca. Ainda pega algum mandim, alguma coisa, ainda dá de pegar, mas já pa tarrafa ninguém vê ninguém tarrafiar mais, porque não vê mais peixe no rie, crumatá essas coisas não tem mais não. Quando acontece pegar é uma dificuldade muito grande, num tá como era de primeiro não, de primeiro era bom demais. Peixe, meu deus do ceu, o povo nem ligavava mais praquilo. Eu vi na Lapa peixe ir pa 50 centavo o quilo, eu mesmo cansei de vender. Eu mais o finado Gordofredo pescava aí de tarrafa e ia vender lá na Lapa, o barco chiin. Oh ó taman das crumatá! Hoje em dia cê num vê um peixe que preste no rie.

Naquele tempo tinha boa enchente pra nois, vinha muito peixe, tinha muita chuva, nego fazia boa prantação. Agora se cê faz uma prantação, chove uma chuva nesse mês, vai da outra chuva no outro mês. Qual é pranta que vai aguentar? Morre tudo. Ano passado mesmo nos prantemo ali um feijão, aí na roça, o feijão tava dessa altura, essa menina aí que viu lá o feijão, um mês deu uma chuva, um mês sem nenhum pingo de chuva, qualé a pranta que vai aguentar? torrou tudo, morreu tudo, cabô. Não tá adiantando ninguém a plantar mais, aqui não. Só se tivesse um motô pra uma irrigação, aí tava bom, mas pela chuva que Deus manda do céu agora tá diferente, não é como era de primeiro não, é chuva subsaltada, da uma aqui, aí da outra não sei aonde, outra não sei aonde.

É mudança de tempo, só pode né. Pode ser mudança de tempo, porque cada um tempo de muda, esse ano é de um jeito, para o ano já é de outro, né?. E as mudanças são essas praque

de primeiro, ave maria. meu deus do ceu, era uma fartura. Cê prantava uma roça, cê quase não podia nem acoier de tanta coisa que tinha. Hoje em dia cê pranta e não vê nada, faz é morrer tudo. De primeiro dava 15 dia de chuva, quer dizer, 15 dia de chuva era brincadeira? Cê não via sol de jeito nenhum, cê só via era água.

Os pé das parede das casa ficava aquele limo preto até assim no chão mesmo ficava aquele limo, a gente rogano a Deus, outras pessoa fazia oi de boi, pa ver se abria sole. Antigamente era experiência, chamava o sol, hoje em dia não tem mais essas experiência mais não. E dava certin, quando era no outro dia já tinha sole. quando chovia demais, agora não tem mais simpatia mais pra nada, cabô.

Eu tomava muita erva do mato, raiz de pau, muita coisa. Hoje em dia é remédio do médico. Tomo um chá de erva cidreira, capim santo, essas coisa, mas aqueles remédios que o povo fazia de primeiro ninguém faz mais não.

Bulir com as coisas de Deus só ele mesmo, não tem homem nenhum que bula que num pode, que Deus é quem marca. Porque a senhora pode pensar muito bem, quem manda a chuva é Deus. No ano que tem muita chuva tem enchente, no ano que não tem muita chuva não tem enchente, é seco, o ano é seco. Tá vendo Cuma é? É porque tudo é manobrado pela força de Deus. De primeiro eu não cheguei a dizer pra senhora? 15 dia. Era 15 dia de chuva, é brincadeira? Chuva de noite e de dia, chega nego ficava resfriado, não vial sol, era chuva direto, direto.

A sabiá é que gosta de chamar chuva. É, a sabiá. Ela aí advinha chuva, quando canta é pa chover. Essa bicha também, a saracura, tudo cantava, ne? Ali nego dizia: a enchente vai ser grande, pode ter na certeza que nesse ano a enchente é grande. Hoje em dia, o passo canta e ninguém vê nada, por isso q eu digo pra senhora, mudô tudo.

Porque justamente tá no tempo, o tempo da chuva é de agora em diante, é de outubro pra novembro. Agora tem janeiro que é seco, não dá um pinga de chuva, o mês todo seco, já tem janeiro que é água direto. Tudo é mudança né? Antigamente chovia até em setembro, nos cansemo de ver chuva em setembro. Chuva, chuva mesmo de moiá o chão. Eu já vi chuva no mês de agosto, ói cuma aí mermo, pessoal nas barraca aí ói, se moiano tudin, a maior parte deles, aqueles que tinha as barraca ruim, se moiô tudo, eu mermo tava cuma barraca lá, era de Ju de Ana que é a mãe dos menino que sempre pede pa ficar aqui, nós cuma barraca lá e essa chuva caiu no mês de agosto, nois moiô tudo, as coisa tudo, ninguém tava esperano, barraca de lona, essas coisa.

Essa menina taí de prova, ninguém apranta mais, nois tamo aqui só morano. Eu fiquei tão chateado ano passado, Deus me perdoa, meu pai, que eu prantei um feijão aí, era muito feijão. O feijão tava dessa altura, já fularano, só vi essas flor desse feijão, aí o mês bateu seco, morreu tudo, cabo. Isso assim evem com dois ano desse jeito, dado a pessoa pra prantar pra que mais?

Aqui já foi muito bom, aqui era bom demais, era lugar de muita fartura, muita coisa, prantava aí era fartura, era tanta coisa: melancia, abóbora, tudo quanto era trem dava. Deu um ano pra nós aqui tamem bom. Nós gostemo, nois tudo gostemo, pqe são duas barrage, a de cima e a de baixo, aí o de lá de cima comunicou que aqui já tava desagradando o pessoal que morava nas ia, tava cabano com tudo aí abriro a barrage lá de baixo. Quando abriro a barrage lá de baixo esse rie fez assim oh: shuuu! Quase secou! Foi duma vez! Pronto, nós ia mudar, cabo mudança, não teve mudança. La no sobradin, lá embaixo, é abaixo de juazeiro é longe! Mas quando eles abre a compota a água vai de vez, é dirrepente. Dirrepente chegou aqui a vazante. Quando chegou esvaziou de repente. Aqui não tem jove, aqui não tem não. Aqui já teve nos começo, o pessoal quando tava tudo, aí reunido aqui tinha muito jove aqui, mas foro tudo lá pa Fechadinha a maior parte, porque os fie dos fie meu, de Emeraldó foi tudo. O pai mudou, foi pra lá tudo e assim foi muitos que mudou daí.

Tinha a escola a, a escola era aqui, não tinha negocio de escola lá na Fechadinha não, era aqui. Depois que mudou lá pa Fechadinha, aí na Fechadinha tá uma vila muito grande, cabô a escola daqui, aí trataro de fazer uma muito grande lá. A maior parte do povo daqui foi tudo pra Fechadinha.

O pessoal, o INCRA falou quem quer morar aqui, mora aqui, quem não quer vai pa Fechadinha, outros vai pa Braúna, são três parte negocio de projeto. A primeira foi a Barra da Ipueira, a segunda foi a Fechadinha, a terceira é a Braúna. A Fechadinha ficaro a maioria, aqui pouca gente, lá na Braúna também é pouca gente.

Eu não tô trabaiano aqui em nada, mas o povo aqui, algum que meche com isso é só pescar e lá na fechadinha a maioria meche com negocio de areia, trabaia na areia, arrancano areia do rie pa vender, outros vai pro projeto, trabaiaí no projeto, na banana tem muitos. Tem um que é casado com uma neta minha mesmo que trabaia nesse negocio, o fie do véi Missia.

O IBAMA não deixa desmatar não, por uma parte é boa, porque para a metade dos vento quando vem, né. A mata é que recebe metade. O IBAMA não aceitou mais fazer roça aí na frente do rie porque disse de desbarranca o rie, foi por isso.

## APÊNDICE C - Transcrição da entrevista com Dona Francisca

Meu nome é Francisca Silva Campo, eu tenho 73 ano, já tô no 74 setenta e quatro ano, sou do ano de 1946, nasci no dia três de agosto. Nasci no Pernambuco, eu sou pernambucana, mas eu tô aqui desde setenta e quatro. Viemos pra cá pra sobreviver mais fácil de que no meu natural, quando eu vim pra aqui de Pernambuco eu era criança, tinha onze ano. Aí vim com meus pais, moremo no município de Barra mais de trinta ano, morei no município de Barra, no Muquém do Francisco, hoje ele já é cidade, né? Mas naquele tempo era município de Barra, Bahia. Aí com o tempo lá também arruinou pra nós que não tinha serviço, menino... era muito fracassado o trabalho pra gente sobreviver, aí eu me mudei pra Bom Jesus da Lapa em setenta e quatro com meus filho e fui trabalhar na rua. Trabalhava vendendo pamonha pra criar meus filhos. Aí ne oitenta nós começou trabalhar aqui arrancano cebola pro pessoal que vinha de Sobradinho, que trabalhava aqui plantano cebola, aí consegui esse lote ne oitenta e dois pra mim prantar e tomar conta do lote pra mim. Aí desse tempo pra cá, eu... Depois que eu já tava aqui eu comecei a prantar, mais antes eu comprava o milho dos outros agricultor, pra mim fazer pamonha e vender, porque não tinha área, né? não tinha terra pra prantar no tempo que eu comecei, eu comecei ne setenta e cinco a vender pamonha na Lapa, mas comprano do pessoal que prantava nas ilha.

Onde nós morava também era seco, muié, não tinha muita coisa não, aí aqui pro Muquém do São Francisco disse que era muito bom o terreno, que tinha muita chuva, muita terra pra trabaia, cumo de fato que tinha mermo, aí nós vei imbora. Mas nós passemo uns dois mês em Ibotirama, de Ibotirama nós passemo pra lá pra o Muquém do São Francisco, depois do Muquém do São Francisco eu mudei pra cidade da Lapa, mas já em setenta e quatro e quando eu cheguei aí foi em cinquenta e nove.

No Muquém do São Francisco é seis légua da Ibotirama lá, aí a gente vinha pegar água do Muquém quando nois chegou, nois vinha pegar agua do Muquém. De Ibotirama e da Boa vista pra vim beber no Muquém, praque as agua lá era salgada, ninguém não podia beber.

Depois que eu consegui o lote aqui. De oitenta e um pra oitenta e dois foi a primeira planta que plantei nesse lote que tô aqui hoje, foi que eu plantei.

Pra mim a maior importaça da minha vida é o Rio São Francisco (risos). O Rio São Francisco pra mim é tudo, é vida, pra os meus filho, pra toda homanidade e pra toda criatura que mora na beira do rio, ne? Praque não tem coisa mais importante de que água ,sem

água nós não vive, ne? E nem produz...Entao eu acho importante o Rio São Francisco e os meus votos é pra que o Rio São Francisco tivesse vida, que tivesse revitalização, que as pessoas conscientizasse os outros também pra fazer o Rio São Francisco renascer a vida dele, como era. Pque quando eu mudei praqi esse rio era estreitinho, daqui a gente conversava com o pessoal da ilha que tinha aí no meio, nis conversava uns com os outros. De quando eu cheguei aqui até hoje tem muita diferença: a gente acha que o rio morreu e somos os curpados da morte do rio as pessoas que não se conscientizam pra saber que o rio precisa de ter vida. Através do desmatamento, através de muitas coisas errada que o pessoal fizeram de tirar braço do rio pra fora, fazeno barrage pra tirar a agua do rio. Quem está matando o rio são as próprias pessoas, as próprias criaturas que podia ter pensamento de saber que o rio precisava de vida, mas não agradece a vida do rio, não agradece a Deus pelo rio.

No rio o sinal que dava quando era pra chover, quando era pra aumentar a água do rio, podia o rio tá sequim, que quando cê chegava na beira do rio tinha aquele cheiro, aquela água tinha aquele cheiro tão bom, era Cuma uma que tinha uma preparação na água, sabe? Ai pudesse esperar que tinha chuva e tinha cheia, agora cabo. Os sinais que nois tinha da preparação, dos cânticos dos passarinho, dos pássaro, dos camaleão...

Era só a gente ver um camaleão cantar num pé de juá merim na beira do rio a gente dizia: graças a Deus, meu Deus. De hoje a três dias tinha chuva e era mermo, era as preparação mais prática que nós tinha e mais positiva, era do camaleão; se ele cantasse hoje, com três dia a chuva caía e hoje não, hoje ocê pode ver chuva de camaleão cantar pa todo canto que não ver nada. Eu acho que a gente ficou sem crença sabe? Acabô mais as crença das pessoas de outrora, de antigamente que a gente tinha, que todo mundo tinha aquele sinal: diz assim ói, de hoja a três dia vai chover.

Hoje a gente imagina, vai chover, óia! Oia cumé que tá preparadao! Passa um dia, passa dois, passa três e nada de chuva. Acabô, mas eu acho que acabô também foi a fé, eu acho, né. Que o que acabou foi a fé das pessoas que não tem mais confiança e também a mudança. Eu acho que o tempo mudô.

Eu tinha uma escritura que meu pai me deu quando eu tinha oito ano, eu tinha uma escriturinha pequena assim que meu pai trouxe de Juazeiro do Pade Cíço. E ela dizia assim, que de 2000 em diante vinha uma era que tudo mudava, até o sol mudava a temperatura. Não é que mudou mesmo? Não mudô? Quem vê a temperatura que nós guentava, de dez horas até doze horas nois ainda guentava ficar no sol e hoje nós não guenta, pque mermo que o sol ser eletico da quintura.



Eu acho que a mudança veio certin Cuma eu tinha na escritura, até hoje eu choro minha escritura que me panharo na escola. Foi o presente que ele me deu de aniversário quando completei oito anos. Mas as coisas que eu lia naquela escritura, que naquele tempo eu tava aprendendo ler, lia gaguejano, era certa.

Eu estudei até a quinta série, só estudei até a quinta série, oh minha irmã ainda dei graças a Deus, que meu pai não deixava a gente ir pra escola,. Eu vim estudar mais deos deu casada que eu cheguei na Lapa. Ele só acreditava na roça, assim... só acreditava que a gente fazia vantagem era se tivesse prantano.

Tem um poste de ferro aqui, a distância que era onde tinha esse poste na beira do rio, hoje tem mais de 150 metros. Tem mais de 150 metros, porque o rio era estreito, só era fundo., mais era estreito. Aqui na nossa parte aqui, ele era estreito. Hoje a saída tá acabada, cê tá vendo aí: só tem esse capim aí, já é outra ilha, já é outra ilha que formou aí no meio do rio, a ilha era do outro lado dessa ilha que tem hoje e nós conversava daqui, oh! O outro conversava lá: é dona Francisca, eu posso ir pegar uma lenha aí na mata da senhora? Eu daqui respondia: pode vim!. E hoje? Ó a distância que tem, quem escuta uma pessoa conversar com o outro daqui pra lá? Mas era muita distância desse poste de ferro da beira do rio. Foi degradado, degradado, degradado esse rio; quebrado, quebrado. Essa roça minha mesmo era muito difícil, era muito distante até lá ó, essa casa desse homem aí ói era mais de cem metros da onde tá esse pé de manga pra beira do rio, oh onde tá o rio hoje.

Os chás nós usava e usa até hoje: chá de erva cidreira, chá de matruz pra dicumê que ofende, é só sentir uma má digestão, tomar o chá de matruz. Eracidreira, capim santo p sono né, muitas coisas a gente usa. O chá do quento pra dor no corpo. Alicrim, diz o povo que alicrim é bom pra coração, nós também usa ele. Pra pressão nós usa chá de umbu, chá de ciriguela, chá de folha de cana, de muito tipo de coisa. Chá de muitas coisas que a gente usa. Chá de arruda, tudo a gente usa chá, conforme o problema né? Chá de arruda já é pra dor. Imburana de cheiro também a gente usa muito, tanto a casca como a semente dela pra cumida que ofende. Pisar a semente de imburana e tomar, pra dor de cabeça de enxaqueca. A gente usa muitas coisas, eu mesmo tomo bastante chá, agora que eu tô deslexada esses dois dias, que nunca mais fiz um chá, mas eu gosto sempre de fazer chá, pra mim e pra Francisco. Chá de casca de jatobá é bom pra o sangue, disse que ele é bom até para o sangue.

A gente passa para os filhos e neto, mas você vê hoje, nem neto, nem filho quase não acredita. Acredita mais no potencial das farmácias, né, dos médicos... porque eu tiro por Filipe mesmo, eu digo tem muitas coisas que eu digo vamos fazer um chá, Filipe procê tomar.

Agora mesmo ele tá é ruim, eu falo com ele, vamo fazer um chá! – Ah vó, eu vou tomar é meu remédio do médico. Quer dizer que não acredita né no potencial da medicina do mato! E eu falo com ele, meu fi, tem hora que o remédio do campo é muito melhor, muito mais saudável, muito mais melhor que o remédio do médico. É la algum dia que ele tá muito ruim que ele fala: vó faz um chá pra mim. Mas quando cê vê é pque ele tá ruim, viu?

A evolução de hoje tá muito atípica, de primeiro eu conhecia as redes de pescaria, era feita de caruá, as pessoa fazia ticia aquelas rede das maiona grande, tudo feita de caruá, ainda conheci muita gente pescano com aquelas rede de caruá e urú, né? Uru é um trem feito de cipó pá pegar piranha, pá pegar vários tipo de peixe.

Aqui quando eu cheguei tinha muito peixe, aquela rua da Lapa, aquele cais era concreto aqueles monte de peixe. Quantos dias eu não passei até tarde da noite escalano peixe pmode o pessoal descer pra baixo, ou não não sei pra onde é que ía esses peixe, sei que salgava na colônia e exportava pra fora. Mais era muito peixe, muito peixe mesmo, muito peixe... hoje cabô em vista o que tinha, pode dizer que o rio morreu e cabô peixe de tudo, pode dizer que cabô. A coisa mais difícil que tem é você vê uma curimatá, muié, omeno de três posta aqui, é a coisa mais difícil. Só tem curimatá grande na lapa é de criame, peixe de criame, mas daqui do rio a coisa mais difícil do mundo é gente ver um peixe grande.É tudo pequenininho assim oh, peixinho assim de duas postinha, oh.

Eu vejo meu fi aí ó, quando aqui nois chegou, ele pescava uma noite, tinha vez q trazia o barco com três, quatro, cinco bacía assim, cheinha de peixe, vendia nessa Barrinha aí ó, vendia na Lapa, ainda ficava peixe pra gente comer a semana e hoje ele bate a noite todinha pescano, tem vez que pega dois peixim, outra vez não pega nenhum, outra vez pega um sozim, é difícil.

Hoje ele não tá pescano de rede não, só pesca de arame. O pessoal quase não tá pescano de rede pque o rio tá seco tem pouca agua pá botar rede. Eles estica um arame aqui, na travessa do rio, aí agora enche de anzolzim, bota até trezentos anzol no arame. Compra cem metro, duzentos metro e travessa o rio. Outras vezes traz só até na croa, conforme o tamnho do arame né? Aí agora enche de anzolzim alí oh e isca: isca com piaba, isca com minhoca, isca com fruta, com mamão, acerola... e pra cada peixe tem um tipo de isca né, pra poder pescar, pra tambaqui é acerola, mamão, milho. Pra piau é milho verde, cada um peixe é diferente as isca que eles coloca, eu mesmo não pesco não.

Meus três filhos tudo sabe pescar, mas eu sempre cultivei foi mandioca, feijão, milho, abóbora, batata, melancia, do que for de roça de tudo eu sei cultivar, mas pescar eu não sei não, nunca pesquei não, nem pra comer eu sei rsrs.

Aqui tinha tanto pássaro quando eu cheguei aqui ó, aqui tinha um pássaro grande, que chamava... Cuma era gente o nome do passáro, grande, que hoje em dia não vê mais na nossa região aqui não existe mais não, era igual uma galinha. Aqui tinha perdiz, tinha zabelê, tinha juriti, lanbu, cadorna, galça parda, galça branca, paturi, pato verdadeiro, marreca e hoje não tem nada

Quando você vê uma marrequinha passar voano é atrás de água, quando elas vê preparado pa chover ô que o rio da uma cheinha qualquer, cê já vê as bichinha passar cantano. Mas duas três, de primeiro era bom, era muito pássaro que vinha nessa bera de rio, nas lagoa, que aqui no fundo tinha um cado de lagoa, mas cum cum quantos ano tá que não ajunta água, mulher? Que não chove pa juntar água nas lagoa... As lagoa tá tudo seca, rachada, só tá os turrazão, não tem agua não, tem muitos ano, ói, tá com um quatro ano que ajuntou uns pinguim de água aqui acolá nas mais rasa, mais baixa e naquelas que é mais difiç só entrava agua quando o rie jogava. E hoje em dia não tá tendo mais cheia né, não tem mais agua, não tem mais peixe, não tem mais nada nas lagoa e de primeiro era tanto peixe nessas lagoa que quando era do mês de abril em diante, dava era nojo da gente andar nessa bera de lagoa de tanto peixe morto, tanto passarim comeno peixe e hoje em dia oce não vê peixe nempra gente comê, nem pragente comê cê não vê e de primeiro tinha demais, tinha peixe. Quando o rie começava a encher a gentia via tanto peixe morto aí nos lagadiço, cada um peixão morto pque a agua puxava de vez e os bixim não tinha pra onde correr, podrecia lá, dava dó do tanto de peixe. O que teve de muito peixe antigamente, tem de hoje não ter nada.

Nóis começou plantar só com a água da chuva, mas depois de vários tempos pra cá, do ano de noventa e cinco pra noventa e seis aí a gente já começo a trabalhar com motor. Não era nem por causa da chuva, até o ano de dois mil ainda dava pra gente colher um milho, feijão, mandioca, abobora ainda dava pra gente colher, agora de dois mil pra cá foi que enfraquiô a chuva, efraquiô, a gente tem que plantar diretamente com o motô. Ô que tem inverno ou que não tem, cê tem que tá com o motô na beira do rie pque na hora que a chuva faltar, que esse dia a planta já não aumenta, né, já tem que jogar agua. Tem que jogar agua pra poder colher alguma coisa, então daí pra cá a gente só planta com o motor, com agua irrigada pque não tem jeito, não tem como produzir não.

Nós tamo com essas hortinha aqui, mas se a gente não cassar jeito de deixar um motorzinho aí ... é felicidade que Seu Aparecido diss que comprou um motor grande agora, comprou um motor grande, então tem que deixar ele de subselença aí praque na hora que a chuva faltar se tiver assim: Nois plantô as horta, não choveu, nois tem que se valer do rio né? se valer com o motor pra molhar. E se não for assim aqui não tem... nós esperamos que Deus abençoa que tenha um bom ano, um bom rio e boas chuvas, Deus abençoa nós que tenha, mas a gente desconfiado pque todo ano é desse jeito, tá diminuino né.

Hoje em dia a gente só ver mais as pessoas querer ir pra roça pa ficar assim no campo, essas pessoas que estuda como Filipe, como o outro neto meu também. Ele também até que gosta da roça, só que agora tá fazendo outro curso, ele tá fazendo faculdade e tá fazendo curso da Coelba, mas ele também foi criado na roça ajudando sempre a gente na roça. Que chama Caio Vitor, ele tá em Barreiras agora, mas sempre ele gosta da roça. Mas hoje você ver que a maioria dos jove não quer participar de nada da agricultura, de primeiro tudo que você plantava produzia, né e hoje a produção é mínima, é mínima.

Aqueles que tem a vocação de criar uma abelha, se eles conseguirem, pra eles é uma graça e uma bença pque eles continua trabalhando na cultura nossa do peixe, né...então eu acho que é muito importante pras pessoas que tem interesse, que oia o dia de amanhã pque aqueles que consegue enxergar que o amanhã vem pra pessoa conseguir alguma coisa, mas a gente tem que esforçar e trabalhar por aqui, pque se não não consegue, ne. E aí o objetivo dele é esse, né...trabalhar com o peixe, trabalhar com abelha. Eles conseguiram aí eu não sei se é de cinco caxa, acho que é cinco caixa pra cada pessoa, só sei que foi um kit de setenta e cinco caixa que eles conseguio na Codevasf. Ai essas caxa aí vai ser distribuída pra as pessoas que queira criar essas abelha, né... e ele é muito interessado, o cara da Codevasf, deu uma iniciativa pra ele e uma promessa de ajudar ele no tanque de peixe, que se eles querer, que eles vão se esforçar pra fazer e eu acho importantante. Que tudo que venha pra nossa associação que seja bem vindo, pque é uma ajuda, é um apoio e já é um passo a frente que ela dá pq ele terminando os estudos dele, já tem pra onde ele movimentar o meio de vida dele e a sobrevivência dele, além do que ele ganha, além do que ele trabalhar como técnico, ele tem a condições de vida, dele produzir o que ele quer, o objetivo dele.

Eu acho que o rio é uma fonte mais bela que Deus deixou pra nós, que o São Francisco é uma riqueza, pra todo mundo, não só pra gente daqui da nossa região, da margem dele toda, né e do Brasil. É uma bença que Deus deixou pra nós e que nós sobesse zelar e agradecer a Deus por essa beça, nois zelava o máximo do possível...eu sei que eu fico nervosa quando eu

vejo chegar essa turma de gente que vem fazer churrasco aí na beira do rio, aí no porto, que deixa aquele tanto de latrinha, Sandra, aquele tanto de garrafa, aquele tanto de trem solto lá, pqe que eles não sabe ajuntar e levar? Eles deixa aí, tem vez que eu ajunto aí assim aquele tanto de garrafa plástica, de saco plástico e toco fogo praque eles deixa ali, vai tudo pro fundo do rio. Vai tudo profundo rio, é por isso que as vezes a gente tem tanto desejo que fecha essa estrada. De dez tira um que não deixa a sujeira aí na beira do rio. Outros faz fogo e deixa aquele tanto de pedra, de pau, bloco. Uns já traz a churrasqueira, outros não traz nada.

## APÊNDICE D - Transcrição da entrevista com o senhor Claudionor

Meu nome todo mundo chama Nôzim, mas o meu nome é Claudionor Reinaldo de Souza, nasci no dia 17 de janeiro de trinta e seis e tô com oitenta e quatro completo. Eu nasci aqui na Barra da Ipuera, ali naquele pé de tamarino, ali é centenaro, meu avô movara lá e passei uma temporada fora, mas desde oitenta e seis que eu consegui aqui, já consegui na mão dum colôem, né, é...que eu caí aqui pra dentro, antes de oitenta e seis, no fim de oitenta e cinco.

A minha mãe era daqui, agora o véi não era. Minha mãe nasceu aí também: Firmina Maria da Conceição, minha amada. No tempo de meu avô lá tinha o grupozinho de família, tudo da família do véi, né, mas só lá em roda lá, aqui tudo era mata. Aqui tinha essa estrada aí, essa estrada aí é antiga, mas pá passar a cavalo, só passava a cavalo e passava de pé. E o véio criou a família dele lá naquele pé de tamarino. Mas não é aquela casa não, aquela casa ali já foi formada por outro colôem, Chico Correa. Quando veio o INCRA que desobrigou daí da área, passou máquina pro lá tudo, lá e não ficou nem sinal de casa, aí Chico Correa anunciou o lote lá. Ele fez a casinha dele aí do lado do pé de tamarino. Aquele pé de tamarino ali, meu avô tinha dispesca ali...quando o rio enchia que vazava, ô fazia ruma de peixe ali debaixo do pé de tamarim, quem nem ruma de mandioca, onde tem ruma de mandioca pra fazer farinha. E ali as muié tratava o peixe ali debaixo e os peixe quereno sai pra fora e o vé cum o dispeço dento d'água que não queria que o peixe saísse, né, deixano as muié tratar pá poder de arribar dispesca. Aí com o tempo foi acabano a boca de barra seco, a saída d'água e ficou só a dali de cima, mas também peixe não tem mais, peixe acabô, também não teve mais enchente grande.

Aqui desse lado aqui não tô trabaiano mais com nada porque a chuva é pouca, as terra aquié mais dura... aí consegui um terrenim ali do outro lado pra tabalhar. Mas sempre vou ta aqui porque aqui é mais alto, né. Essa frente aí ó tem uma vez que plantei feijão de arranca aí moiado com o motô dum projeto que nós fizemo, São Vicente o nome do projeto. Trabaiei essa frente aí, trator tombou a terra e nós prantemo, tá essa matona aí que disse que não é pra desmatar, só que a barrera que disse: bom, seis não quer que desmata, eu vou desmatar, daí do riacho no rio dava uns 170 metros agora não sei nem se dá isso aí.

Quando Vanda chegou aí, eu já tinha saído da área aí, não tava mais aí que justamente ela foi dos que vei apropriar por aqui, ela tinha a ára lá embaixo lá. Aquele de poste ferro ali era longe do barranco do ríe, daqui lá no riacho assim, oh, dá uns 60 metros daqui lá no riacho. Que ali pro lado de baixo daquele poste de ferro tinha um arraialzim de casa que foi dum povo que vei lá de baixo também, Pilão Arcado, mas antes das apropriação do INCRA e fizeram lá um arroalzim de casa lá e aí eles começaram a enterrar menino, menino morria e fizeram um cemitério ali naquele poste de ferro e aí foi ino, foi ino, cabô. Ele trevessava de lá pa ilha do medo, a ilha do medo era bem mais pra cá pra cima. Lá quebrô também, não tem mais nada de ilha.

Sobre meio ambiente é uma coisa assim numa área estretevista, né, que tem a natureza aí que não quer que tire, isso aquilo outro, que faz parte do meio ambiente, no caso que nos tamo falando aí, deixei de desmatar por isso, aí não desmatei mais, nem eu nem os outro. Alí ne Selvino ali, oh, Selvino ele caprichava no dele, mem mato não nasceu. Ali se quiser fazer Cuma aqui vai ter é que prantar pque os paus não nasceu. Já o nosso aqui nós deixemo, Deus ajudou que florestou. Dai quando a gente precisa de um cabo de enxada, vai lá, tira, não pode desmatar mas se tem pecisão de um cabo... não vou desmatar tudo né...

Trabaio ne roça, tem um pedacinho de terra lá, não é muito grande mas coisa é na seca eu... que aagora mesmo gente não pode nem prantar que o ríe pode lavar, ne... eu lá pranto melancia, feijão de arrancanca, catador, abóbora milho. Tem vez que tem que moiar, agora esse ano parece que não vai ser preciso moia não, do jeito que o ríe ta enchendo, se o ríe lavar lá não vai ser preciso moiar. Aí gente tira o sustento da gente e de mais arguem.

Eu pesco, não vou ficar sem comer aqui na beira do ríe, vou nada. A pescaria minha não é assim pesca de cassea, rede de cassea. Eu pesco mais é de anzol e no arame, uma coisa assim. Estira um arame aí, pega um mandinzin. Cassea é aquela rede grande que nego bota e sai pra tá pescano. Quando tinha a gente pescava pra vender, agora pesca pra comer e dô graças à Deus que ainda arranja tomém, que né de tá assim arranjanô. Eu creio que diminuiu a quantidade de peixe porque não tem encheente grande mais, se não tem encheente grande, então o peixe não produz e o que produz aí no ríe aí oh: piaba. Os malandro com as redinha pequena vai pegando as que escapa. E a disova do lagadiço elas disova numa moita dessa assim oh, e fica botano sentido, não encosta não, mas nas agua elas desova lá o rio faz é carregar, aí carregano, que e aí na hora que ela da hora de desovar não tem jeito, ela desova mesmo e aí vai as ova desceno nas água e aí se tivesse encheente grande pra aumentar os lagadiço daqui p fechadinha é uma largura quase numa légua, isso aqui enchia tudo de água, nem só aqui na carrera do ríe de cabeça arriba as agua não corre muito, elas disova, tem

muita foia, na hora que elas disova elas some tudo ali naquelas foia dos pau. Aqui tem mais de dez lagoa da ponte até no carrapato e aí eu creio que a falta do peixe é isso aí, por não ter enchente mais.

Esse sinal de enchente a gente tinha quando tinha enchente, né? Pque agora eu não sei, acho que tá todo mundo é mentino, a gente amanhecia cedo, de manhã cedo, cê oiava no barrado assim oh, eh esse ano vai ter enchente! E era certa! Quando o dia tá clareano aí faz aquele barrado roxo assim, oh... uma nuvem assim, não é assentado é meia alta, aí pelo barrado dizia, oh a enchente esse ano é grande! E era mesmo. era as experieça dos véi, a gente ia pegano, mas agora tá mentino. Cê vê lá, digo agora vai ter enchente e não tem.

Pá chuva esse camarada aí oh: o mandacaru! Ele não tá infulorado? Tava seco, ele começou infulorar eu digo ê iá, vai ter uma chuvadinha...oh ih oh! Tá funcionando que ele é um pé de arvore e le não mente não.

Agora os pássaro, aquela saracura, tinha muito ela aí cantaano aí, agora não ver , mais, a turma começa a castigar as bixinha, elas cai fora. A gente via a saracura cantar de terdinha na hora que ela ia dormir ela começava a cantar, dizia é ainda vai ter chuva que a sacacura tá cantano! Aquele que meia noite passa cantano, esqueci o nome, aquele quando ele passa cantano, diz oh a enchente esse ano vai ser boa! Eu nunca mais vi um troço daquele cantano e aí parece que eles tem aquele contato com a natureza, né... ele trevessava dum lado pro outro cantano.

Aqui o chá eu mesmo não tô usano não, mas essas pranta que a gente pranta, tudo ela é pra chá e serve de remeido. Que nem essa aí, oh o pezim de pinha, a pinha é um bom remeido, o capim santo que a gente pranta é remeido, aquela ali oh, a babosa ali, foi minha esposa que prantô, aquele ali é um santo remeido, a babosa.

Ela foi lá pra uma reunião na Fechadinha, quando ela vei ela pranto, aquilo alí é que a terma vem puxa, arraca, pega já carrega, as pranta eu acho que quaise todas elas são medicinal, as pranta é, a não ser aquela q a vez não serve. Aquele pé de supressa ali oh, aquele q tem ispin, a muié pranto pa pegar a bage dele, torrar e fazer remeido pra mim, uns trata rosa da truquia, aquele lá, do lado de lá das tea... é um santo remeido. A turma tratava doença do vento né, agora é nego diga que é como é nome...né mais doença do vento não (derrame) igual o derrame memo, é ....justamente eu tive o pobrema desse lado aqui ainda é bobo ainda óh...e foi curado com essas coisa, com pranta da natureza. Ele da uma baginha assim quem nem feijão de arranca ali aquela bage pode tirar pade torrar ele e botar na agua morna pra beber.



O sinal da pescaria que tá bom pra pescar, quando tem peixe é as água, se a gente tá lá na beira do rio, a água tá gelada, de noite né, nego não vai lá queo peixe não levanta, agora cê chegou lá meteu a mão na água, a água tá quente, opá, tá na hora, vambora! E arranja mermo pque a água esquentou o peixe movimenta, quando a água tá fria, ele tá lá dentro d'água, mas cassa um canto e fica lá.

Pra prantar na roça a experiência nossa é sobre a lua. Que a gente pranta sempre na quadra da lua nova, quando ela tá com uns três dias de nova aí a gente pode prantar mandioca, batata, esses trem que dá raiz, né? Que da raiz no chão, a gente pode prantar, agora esses outro que dá enriba da terra aí sempre funciona. O feijão de arranca cê pode prantar ele que a terra tá mais reforço. A lua nova a terra renova também. Tem tanta coisa que a gente distraí e deixa, depois que a gente lembra...

As árvore eu não sei porque, teve uma mudança também, esses pé de manga, oh...esse pé de manga esse ano mesmo não deu uma manga, esse lá. Eu não sei porque, que todo ano ele carregava, esse ano ela não carregou. Esse aqui deu umas duas manguinha, seco. Ali tinha um ali, secô por natureza e queles ali tá secano, ói lá ó. Eu não sei se teve alguma mudança que teve, só sei que adoecero e pá da fruta, ainda tem mais essa: aquela abea, oropa, a mandassaia, que sempre tinha, a mandassaia ninguém ver mais nem falar, a oropa que ainda ver falar numa oropazinha, mas a turma tem as roça, quando as roça quando as roça tá começano a dar flor, elas começa naquelas flor (degetano – não compreendi) que nem essa aqui ó, a manga, elas senta na manga, ali elas tira a flor daqui, bota ali, a manga segura e não tenho a oropa pa fazer isso, as flor cai tudim, não dar não.

As abea cabo, ainda aparece mais é uma oropa, a turma bota veneno nas pranta, mato tudo. Que justamente a mandassaia, a jataí, a manduri, as abea também que não mordida, né, a turma acabou com ela também. Ficô a oropa, a até a turma faz criame de oropa aí, mais vai ino...que nem esse dessa casa aí fez um criame aí e lá se foi, lá se foi e elas acho que não achano nada pra comer, tudo seco, desaparecero, que acabô o criame dele que elas quer a flor né, os pau não tá dano mais flor. Acho que nis também já tamo é no fim da corda. Eu acho que tamem nois já tamo chegano no fim, eu digo que meu avô falava, quando ele falava isso eu tinha 12 ano, quando ele morreu, hoje eu tô com oitenta e quatro, tem um monte de ano né... ele morreu até novo, com sessenta e poucos ano.

Essa nova geração se for falar uma coisa pra eles diga até que é mentira, que nem eu contei a história da ruma de peixe lá, se eu for falar pra eles: “ah! véi tá caducano moss, tá mentino, qual é essa ruma de peixe que ele já viu aqui”, diga mermo, porque mudô mermo,

tá tudo estranho aí eles não vão acreditar, por isso que a gente nem fala também né, vai falar, servir de besta, a gente nem conta. Eles acha que o movimento é esse mesmo, mas não era. Aquela história que tempo bom é no passado né, outro já dizia que tempo bom é o presente, mas tempo bom é o presente pque é onde nós tomo, mas eu se fosse pra dizer é pra voltar, eu gostaria que voltasse. Nas própria leitura de hoje não é quem nem a do passado, o poquim que eu aprendi a ler, nos estudava num banquim desse assim oh, debaixo dum pé de rosca. Agora tudo é o celular e aí ninguém fala nada com ninguém tem q fazer lá pelo celular, faz tudo. Contano que eu mesmo se eu pegar aí não sei nem pegar nesse celular, o meu é só pra fazer ligação. Se sentir qualquer coisa já “vamo na UPA, vamo na UPA”, de premero quando o camarada partia pra dizer vamo pra UPA, que nesse tempo nem UPA tinha, era pque tava precisando mesmo, ía, mas pque tá sentino uma dozinha ia lá tirava uma foia de pau lá e fazia o remeido e bebia e dava certo, já hoje em dia nego dexa o remeido aí e corre pra UPA, acreditar mais no médico do que nos remeído.

Aqui tem a melencia da praia que eu mermo levei prum colega lá na Lapa, ele sentiu câncer de pele, esse negócio de câncer de pele, aí ele tomano remeido e o trem só afundano, lá nele, aqui assim ó, só fundano e cê tava veno já os osso dele aqui, oh, as custela e ele com medo daquilo passar pro intestino. Aí não sei quem lá ensinou ele e aqui tinha todo pé de melencia da praia, aí eu fui lá aí ele me falou, eu falei ô Graciano lá tem é uma mata: “ô rapaz, a pois traga pa mim!, é que me ensinar e eu vou experimentar” que ele é danado pra da assim ne curral, eu peguei um moí e levei pra ele lá: “Aqui rapaz é pra fazer um chá, pra beber e muer a raiz e botar encima”. Tá Graciano aí correno aí no rie pra cima e pra baixo. Ele foi em Salvador, justamente ele tava caminhando pa Salvador, indo e voltano, ino e voltano, mas quando ele voltava aí, fazeno remédio caseiro, sarô. E aí a gente vê que a natureza serve muito a medicina, agora não é o que o povo quer mais, o povo não liga e a gente não sabe nem cumé que veve e acho que por isso que por isso que ainda tô vivo porque eu gosto de beber muitas coisas assim e sô difícil ir no médico. Não, não gosto muito não. Sempre assim, eu faço um remeído já miora. A idade tembém não dá do camarada viver sem sentir dor, já sei si que o veio pra dizer que não sente uma dor é mentira, ele tá se negano.

Mora aqui, muito que mora aqui trabaia lá na Lapa né? Quem nem esse aí trabaia de servente de pedreiro, mas sai daqui e vai pra Lapa. A terra aqui se fosse pra mecher, dava de mecher, mas acredita mais de ganhar um dia de serviço lá do que pegar uma enxada e prantar um pé de maxixe, né. E ai a gente ver que a juventude não quer assim mais coisa de roca. Eu não deixo não, só deixo quando tiver no caxão. Agora mermo eu tava lá na roça, que eu prantei um catadozim lá, eu digo ê diacho esse catador não vai...pque deu purgão,

ele adoeceu, deu purgão mais eu tava lá tirano umas baginha pa comer o feijão verde. Ele aí percura quantas cova de feijão catador ele prantou aí? Prantô quantas cova? Pois é... não tem tempo e aonde é do tempo é que a gente tem que tirar o tempo.

Daqui pra frente eu tô pa dizer que é daqui pa pior pque a juventude não quer mais enxada. Eu não sei nem Cuma é que ele tá aqui; eu passei aqui pa mãe dele e acho que é por isso que ele tá aqui, quer saber de amontoar tudo na cidade, agora montoa ali, muitos tem o que comer outros já não tem, mas não sai dali. As vezes não tem uma condição mior que se tivesse na atividade rural. E eu digo que é praque já tiro pelos meu. Tem esse aqui, tem o outro acolá do outro lado do rio fazendo um tal de forno pra Chiquim lá, forno pra fazer farinha. Mas pra pegar na enxada? não. Se for possive ele com esse corpão aí dele aí oh, bota eu mais ele na enxada aí oh, eu boto ele pra correr purque não praticô naquilo e eu se tiver o de comer eu como, se não tiver eu enquanto não dá meio dia, não sai, eu fico de lá... ele da duas enxadada lá e vem cassar o que comer. A eu vou ficar ne enxada nada, não fica e a coisa vai diminuino, vai diminuino. Que eu, quando eu quando eu tinha 12 ano o meu pai já não arcancei meu pai mais, minha mae casou de novo. Eu com 12 ano, aqui ó o rie cheio a gente saia aqui dessa Barra da Ipuera que ali é mei altozim aí o barco ficava pro lado de dentro, pra lá era só água saí daí mais ele pra pescar, ele na frecha e eu remano. Remava de umas oito hora até a base dumas quatro hora da tarde aí no lagadiço remano. No piloto do barco e não era fazeno zuada não, era sem fazer zuada pa puder chegar perto do peixe, que o peixe tava no lagadiço pra ele tá frechano. Tomem quando chegava de tarde, tinha peixe pa vender e tinha pá comer, nego vivia mei disdiorado na ropa, mas com a barriguiha cheia, sobre isso aí sempre tinha e agora não tem mais isso também, não tem mais o pexeos de hoje também nem que tivesse não queria cassar assim, queria achar mais fácil, que nesse rie podia contar um pedaço de rede aí quem tinha uma redinha e hoje em dia todo mundo é rede. Não sabe fazer nada, mas uma rede eles tem.

Com uma idade dessa a gente tem muita coisa a falar, mas tem coisa que a gente pode não lembrar, pque tem coisa que passa da gente e gente não lembra mermo. O trabaiá é como se diz o causo, quem pensa tem que trabaiá mesmo, esse aí ó, tá na vista dele aí ó: eu acho que ele quereno acabar com a areia do rio, esse aí ó. Quando ele chegou pr'aqui puxava era com uma máquina. Pois é e continua, agora praque é uma profissão que tá dano o dia a dia dele, se tá dano o dia a dia, também não vamo vacilar não, vamo cuidar. Como eu acabei de lhe dizer, que eu falei da desmatação aí, que eles não queria que desmatasse, que deixasse florestar e do riacho lá no rio dava uns 170 metro, nem cem não dá mais, quer dizer, ele tá enlagueceno. Se é de ele tá enlagueceno e a água ficano poca ele vai abaixano. Que se ele fosse mais estreito a

água era mais alta, mas se ele tá enlaguecendo a água vai diminuir. Na seca essa canoa pequena não sobe mais no rio, de primeiro tinha vapor não tem mais e a canoa pequena não consegue viajar porque cê sai daqui tá a coroa na frente, cê torna encaiar lá que a areia parece que quanto mais tira mais rende, que se tivesse tirando e ela ficava sem render lá onde ele tira areia acho que não teria mais nada, que tira, dá uma enchentezinha, quando volta parece que a areia é viva, não sei. Eu não entendo esse negócio de areia não, mas eu acho que a areia tem um contato sob o movimento dela de render.

Na pesca, justamente quando tá pescando tá no claro, a lua tá de fora, se ela tá entrando uma base dum dez, onze hora da noite, tá ruim de peixe, dá uma volta aí a água esquenta tomem e não perde a viagem.

Eu pesquei muito de lamprinha mais um primo meu, nós só pescava no truco, tinha vez que gente tava pescando, a hora que a lua saía a gente parava. Porque aí ela clareia a água, o peixe abaxa, né ... agora na cassea não, enxerga a cassea o peixe pode abaxar do jeito que ele quiser tem rede que vai daqui naquela porta lá.

No caso nosso a lamprinha clareava o peixe, cê dele baxar ele arpara pra cima assim, aí frexava no que ocê queria. Hoje não adianta que não tem, agora pro camarada fazer isso ele morre é doido aí descendo rio abaixo, não vê não. Essa pescaria que a gente pescava, essa pesca de anzol eles não gosta de pescar de anzol, essa que clareia o peixe na água lá também não. O negócio é rede, qualquer menino tem uma rede aí oh, nem é só uma, se for pescador qualquer menino se ele for pescador, nem uma só, tem duas três rede aí ó. Se ele bota da maia maior e não pega, solta aquela e já pega outra e aí vai com os grande e os pequeno, de todo tamanho e vai acabando. Vai acabando não, já acabou eu to pa lhe dizer que o rio tem muita água né... a gente não diga assim que já acabou de tudo que cê vê numa lagoa que cê pesca e fica peixe, quando é na seca ainda tem um peixinho, mas o que tem intoca lá nas loca lá debaixo duma pedra, quem nem aqui ó, aqui mesmo tem uma pedreira aí ó. Intoca lá debaixo das pedra lá e não sai com medo de morrer, é aí já é medo de morrer.